



MUSGO

LIVRO I

Um actor chega com maçãs
douradas e envolve o palco
de gestos brancos, como se tivesse
vindo de um mundo vazio____,
de dentro de uma grande árvore
presa por arames.

Não tem palavras, apenas sons
de desespero, foge para uma zona
de terror, atraído por um som agudo
e desaparece por detrás de um pano escuro.

Um actor, um guerreiro moribundo,
com um só braço____, como um cão
agachado num museu, curvado sobre
o mármore antigo, sem alma, sem nada
para dar aos pássaros.

Um actor dentro de uma estátua,
para que a tragédia não acabe nunca.

Jaime

Rocha

Ficha Técnica

Editor Musgo Amarelo Associação

Grafismo Pedro Marques

Revisão Helena Soares

Impressão e acabamento VRBL, Lda.

Tiragem 500 exemplares

Data da impressão Dezembro de 2018

Depósito legal n.º ISBN 9789892091150

MUSGO *livro*

livro

1

OU QUIXOTE

a partir de Cervantes, 2013

na foto: Ricardo Soares

foto: Nuno Gomes

Índice

9 Gente junta não perece

13 **O CONSTRUTOR**, de Jaime Rocha

15 O Monstro anda aí e nós sabemos Jaime Rocha

18 Visita de Fantasmas Paulo Campos dos Reis

21 Sobre Jaime Rocha Hugo Pinto Santos

29 Estudo de Figurinos Nuno Barracas

33 Cenografia de *O Construtor*

Manuel Pedro Ferreira Chaves e Paula Hespanha

37 **OS LUSÍADAS — VIAGEM INFINITA**, a partir de Camões

39 Foge, fuge, Camões Ricardo Soares

42 Clipping de dramaturgia

48 Estudo de figurinos Nuno Barracas

51 **GENTE JUNTA**

52 Curricula



63 HISTORIAL GRÁFICO

- 64 Poesia à Mesa
- 65 Sublimação
- 66 Ou Quixote
- 67 Ulisses
- 68 Uma Rosa para D. Fernando II
- 69 Cher Petit Maestro
- 70 Corpo-Mercadoria
- 71 Energia Solar e Energia Fóssil
- 72 Desparaíso
- 73 Húmus
- 74 14-18
- 75 Oriana
- 76 Enterro do Bacalhau
- 77 O Armário e a Cama
- 78 Ofensiva Amada
- 79 SalEncena

81 PARA O ANO HÁ MAIS

- 82 do Outro Lado, o Muro (teatro)
- 84 Orto Sai do Escuro (teatro)
- 86 Quarenta Mil Quilovátios (teatro)

89 UNHA COM CARNE

- 90 Mário Trigo encenador
- 91 Pedro Alves teatromosca
- 94 Susana C. Gaspar Teatro da Deriva
- 96 Bruno Parreira J. F. de Rio de Mouro
- 98 Animateatro e a Musgo Lina Ramos
- 100 Ricardo Santos e Patrícia Cairrão RUGAS

**105 SAÍ DO LAR PARA ESCREVER
A MINHA CONSTITUIÇÃO,**

Rui Lopo

111 CINTRA-BABEL,

de Jorge Telles de Menezes



O CONSTRUTOR

de Jaime Rocha, 2018

na foto: Rute Lizardo

foto: Nuno Gomes

Gente junta não perece

MUSGO Produção Cultural

Gente que se gosta e se cruza na “teatra”, em guigues aqui e acolá, resolveu, há seis anos, constituir sem demora uma associação cultural. Muito despachadinha, para captar mais fácil e rapidamente apoio para o projecto que, em 2013, inauguraria o seu reportório – um espectáculo em torno da figura de D. Quixote. Já lá vamos. Tão despachadinha que o seu nome de baptismo – Musgo Amarelo! – não surgiu de nenhuma (des)inspiração nominativa dos fundadores, mas da paupérrima lista de possibilidades da Conservatória do Registo. Para simplificar, acelerar e embaratecer

o processo, podia escolher-se, naquela altura, um nome pré-definido de uma lista disponibilizada pela Associação na Hora. O nosso pareceu-nos o menos mau. Lá, num gabinete rápido da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, aos vinte dias do mês de Março de 2012, dois pares de almas despacharam a papelada: Miguel Simões, Paulo Campos dos Reis, Regina Gaspar e Ricardo Soares. Pouco depois, resolvemos subtrair o Amarelo e adicionar Produção Cultural. Assim: MUSGO Produção Cultural. Achámos que seria uma designação mais própria de colectivo de teatro e menos de associação de amigos de jardim botânico. Para a próxima, falharemos melhor, está prometido. Mas, significa portanto que, em 2012, driblando a burocracia, juntando gente boa e (sobretudo) boa gente, interessou-nos começar. Por piada, dizíamos que éramos, apenas, um número de contribuinte e que qualquer pessoa interessada em produzir objectos artísticos nos poderia “usar”. Também dizíamos que só não seria da MUSGO quem declarasse, por escrito, não ser. Enfim. Ficou dessas piadas um fundo de verdade: em seis anos, a MUSGO fez seis co-produções e trabalhou directamente com mais de um milhar de pessoas (ver, mais adiante, o historial gráfico do colectivo).

Logo em 2013, o espectáculo inicial da MUSGO, *Ou Quixote*, cumpriria, em toda a linha, os objectivos a que nos propúnhamos. Cruzar gente. Foi co-produzido com a Animateatro (ver texto adiante); constituiu a primeira internacionalização da MUSGO (em Cabo Verde, com o apoio do Instituto Camões – Centro Cultural Português, Pólo do Mindelo); e foi acolhido em residência artística e apresentado no espaço d’O Bando, em Vale de Barris,

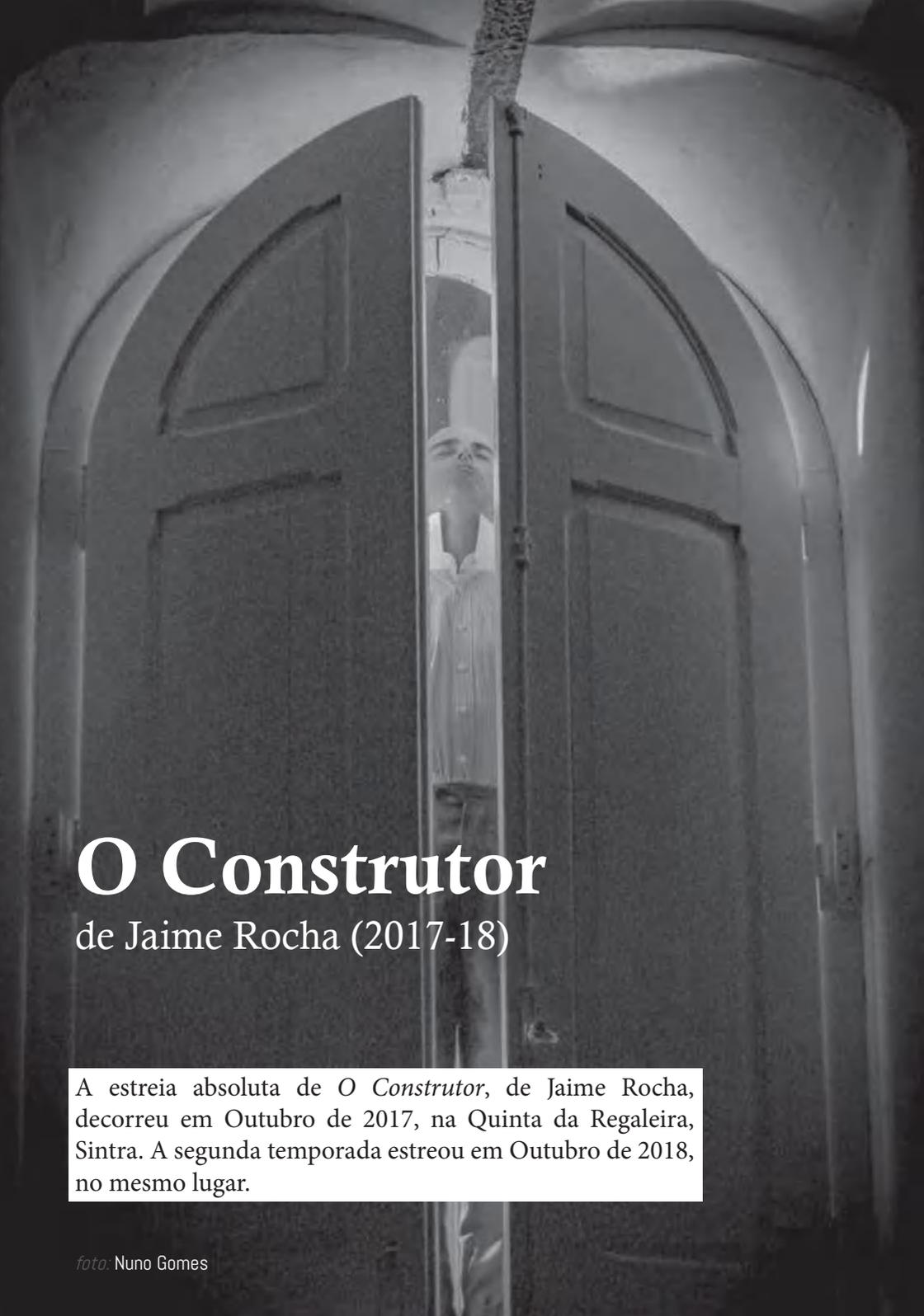
Palmela. Além do Instituto Camões, o projecto captou o financiamento da Fundação Cultursintra (fez carreira na Quinta da Regaleira, em Sintra) e da Câmara Municipal de Sintra. O Quixote, parece-nos hoje, foi a melhor maneira de começar. Doravante, insuflar-nos-ia, todos os anos, a determinação para prosseguir, apesar da precariedade que assola continuamente os agentes teatrais do país. O panorama está a mudar, mas continuam a ser mais regra que excepção: vínculos contratuais incertos, processos kafkianos de apoio do Estado, críticos sem emprego (!), salas pouco recheadas, subfinanciamento crónico. O Quixote está lá quando nos tocam estes desaires. E, na nossa versão, não perece.

Este livrinho que editamos é uma espécie de cartão de visita da MUSGO. Para quem a desconhece ou a quer conhecer melhor. Pretendemos editar, pelo menos, um por ano, para dar conta do que vimos fazendo e projectando. A este, por ser o primeiro, além de informação mais completa acerca dos espectáculos e actividades que produzimos este ano, adicionámos um pequeno historial gráfico da actividade da MUSGO, bem como textos de pessoas e colectivos com os quais vimos mantendo uma estreita relação de trabalho (e amizade). Mais para o fim, anunciamos os projectos que estamos desenvolvendo para 2019. Com a leitura complementar da nossa página do Facebook, ficará, quem quiser seguir-nos, com informação mais completa.

A fechar, destaque para a reedição da elegia “Cintra-Babel”, em memória do seu autor, Jorge Telles de Menezes, queridíssimo poeta sintrense falecido no verão passado. A pedido da MUSGO, o filósofo Rui Lopo, amigo de

longa data do escritor, assina um texto que ilumina o programa de escrita daquela composição. “Cintra-Babel” teve a sua primeira edição em Dezembro de 2016, no contexto da Ofensiva Amada, designação dos espectáculos multidisciplinares bimestrais que a MUSGO vem programando, desde 2016, no Centro Cultural Olga Cadaval.

Vale.



O Construtor

de Jaime Rocha (2017-18)

A estreia absoluta de *O Construtor*, de Jaime Rocha, decorreu em Outubro de 2017, na Quinta da Regaleira, Sintra. A segunda temporada estreou em Outubro de 2018, no mesmo lugar.

O CONSTRUTOR

de Jaime Rocha, 2018

na foto: Virgínia Brito

foto: Nuno Gomes



O Monstro anda aí e nós sabemos

Jaime Rocha

Quem são as mulheres e os homens de hoje, qual a sua condição, o seu destino, o seu legado. Os milénios passaram e o ser humano não consegue despir-se da sua pele animalesca, do seu interior monstruoso, sinal do desvario e dos poderes que regem o mundo.

Os dias de hoje são sintomáticos de um mal-estar colectivo. Basta abrirmos a televisão, irmos à internet, lermos o jornal, ouvirmos o rádio para nos darmos conta de que a humanidade vacila, capitula perante o ódio e o mal. De que o monstro anda aí para nos apanhar nas suas malhas.

Estará o homem condenado à impossibilidade de entrar na pele do outro, de agir mais solidariamente? Valerá a pena fazê-lo? Fará sentido falar hoje de ética e moral, de honestidade e honra?

A pergunta pode ser feita por toda a gente, não só pelos actores, dramaturgos e técnicos. Por todo o público que olha para a sua frente e vê diante de si o monstro com cabeça, tronco e membros que nos consome o corpo e a alma, como se afinal olhássemos permanentemente para um espelho. Seremos iguais àqueles que vemos representados diante de nós, com os seus defeitos, as suas mentiras, hipocrisias, arrogâncias, astúcias, ganâncias, corrupções e violências?

A emigração, a escravatura, a tortura, o exílio, a chantagem, os raptos, os atentados, as guerras, mas também a utopia, o amor, a resistência, são os temas abordados nesta peça. Tenta-se construir a Europa como se se procurasse a felicidade, o paraíso, o bem-estar de todos os povos. E, no fim, o que surge é uma máquina de poder bem oleada, repleta de funcionários que sabem montar e oferecer-nos um estado permanente de agonia, de ansiedade e de medo. Como se não existisse outro caminho, uma alternativa.

Que há um riso ácido no meio de isto tudo, há. A concepção de personagens grotescas leva-nos a pensar que aquelas não somos nós e que as entendemos como objectos de troca. Rimos sempre dos outros. Mas quais outros?

O Barão, o casal de emigrantes, o filho, a prima, o médico, a criada, o enfermeiro são personagens banais, peças de um puzzle distorcido, dentro de um ambiente abjecto. Passam diante de nós, público, sem considerações e sem censuras, tal como deve sempre acontecer com a arte do teatro e o seu texto.

E, aqui para nós, há alternativa a este estado de coisas. O Monstro anda aí, mas nós sabemos. Os milhares de pessoas que se manifestam, um pouco por todo o mundo, pela paz, pela justiça social e em solidariedade com as vítimas dos atentados e das guerras, seja em Paris, Bruxelas ou Londres, seja em África, na América Latina e do Norte ou na Ásia, são um sinal de que a alternativa ao mal existe, de que há muito povo a levantar-se contra a ignomínia. E nós podemos escolher qual o barco que tomamos.

Obrigado ao grupo de teatro Musgo e ao seu encenador Paulo Campos dos Reis, em representação de todos, por terem tido a coragem de entrar nesta singular aventura.

Visita de fantasmas

Paulo Campos dos Reis

Encontrámo-nos na esquina do século passado para estrear um espectáculo que versava sobre os efeitos devastadores que um aparelho de televisão pode provocar no seio de uma família. Chamava-se *O Televisor* e constituía um dos primeiros passos do Jaime Rocha dramaturgo. O texto, editado em 88, já denunciava a mão firme do tragicomediógrafo que, até hoje, vem continuamente surpreendendo os seus leitores com uma das mais consistentes e estimulantes dramaturgias que o nosso país vem recenseando. Um olhar clínico e desapassionado sobre as relações sociais e aquilo a que chamamos “o sistema”, ou a intensa relação dialógica de releitura e reescrita de personagens e textos históricos através da “sua lente” denunciam um autor profundamente político, não panfletário, engajado com a problematização e debate de temas sensíveis e, passo o paradoxo, eternamente coevos. De uma penada, a escrita seminal do Jaime parecia, naquela altura, corresponder à minha poética teatral. Hoje não é diferente. A MUSGO vem dispensando, desde

a sua criação, uma atenção particular a textos canónicos e temas que nos ajudam, num exercício dramaturgico muito produtivo, a recortar a identidade do país, a interpelar, de um ponto de vista crítico, agónico, a nossa memória histórica colectiva. *O Televisor* (o espectáculo, homónimo, é de 99) despoletaria, portanto, uma relação que continuaria neste princípio de século com *O Construtor*, um projecto sonhado desde a publicação do texto, em 98, e que teve a sua estreia absoluta o ano passado. O bom acolhimento da crítica, a nossa “centelha de orgulho” e a disponibilidade da Fundação Cultursintra tornaram possível a sua reposição este ano.

Numa altura em que a construção da Europa atravessa uma das suas maiores crises de sempre, *O Construtor* funciona como uma espécie de visita de fantasmas. À nossa frente desfila uma galeria de personagens assombrosas que, a cada instante, nos relembra aquilo que fomos, que, porventura, somos ainda e, certamente, se o (des)caminho não conhecer mudança, continuaremos a ser ou, melhor dito, seremos de novo. E nós sabemos, diz ele.



O CONSTRUTOR

de Jaime Rocha, 2018

foto: Nuno Gomes

Sobre Jaime Rocha

Hugo Pinto Santos

Jaime Rocha pertence a esse elenco não muito numeroso de escritores que conseguem exprimir-se literariamente na poesia, em ficção e no teatro. Sem que haja aqui, como é óbvio, a pretensão de proceder a qualquer levantamento exaustivo na literatura portuguesa (ou sequer explícito, contornando a dupla armadilha das exclusões e das inclusões), parece possível constatar que poucos autores, sobretudo em décadas mais próximas, terão alcançado tal feito. Poeta, portanto, mas também ficcionista e, sem dúvida nenhuma, dramaturgo. E um escritor cuja produção comunica, nos seus diversos momentos, através dos temas, da construção e dos seus processos. Tomemos como exemplo dois livros de poesia do autor: *Mulher Inclinada com Cântaro* (Volta d’Mar, Nazaré, 2012) e *O Vulcão, o Dorso Branco* (Averno, 2013). Em ambos, há um homem e uma mulher, ou, corrigindo, Homem e Mulher. São imagens, instâncias do texto, definidoras, elementais, que constituem, no limite, “personagens” do “enredo” que o poema tece. Saliente-se, *in limine*, que as aspas sinalizam aqui apenas a liberdade de expressão neste momento tomada. Trata-se, realmente, de entidades que agem, discursivamente, como

dramatis personae, cujas falas se implantam no terreno dos poemas. Paralelamente a esse aspecto central da escrita de Jaime Rocha, a presença do mar, detectável em qualquer um dos livros de poesia acima citados, transparece em obras narrativas tão separadas na cronologia do autor quanto *Tonho e as Almas* (Relógio D'Água, Lisboa, 1984) e *Escola de Náufragos* (Relógio D'Água, Lisboa, 2016). O mesmo fragor implacável, o mesmo terrífico apelo da marinhagem e da pesca, cravam garras inescapáveis nestes livros. Todos eles são demonstrações eloquentes de uma unidade coerente que marca, de forma claramente transversal, a obra de Jaime Rocha. Num dizer raso, que tudo cala em redor, lê-se, nas páginas de *Necrophilia* (Lisboa, 2010, Relógio D'Água, pref. João Barrento): “Tudo isto a mulher viu/ antes dos bichos”. Por seu turno, um poema de *A Perfeição das Coisas* (Caminho, Lisboa, 1988), chamado, precisamente, “A Mulher”, parece sintetizar ambas aquelas dominantes: o fulcro feminino e a centralidade do mar – “Essa mulher adormece dentro dos vegetais/ o seu sono incendeia os faróis/ que avisam os barcos.”

Este mundo de âmagos que recuam até aos seus caracteres mais íntimos e essenciais conhecerá exemplos máximos de depuração em algumas das peças teatrais de Jaime Rocha. Desde logo, “Detalhe à Porta do Inferno” (in *O Jogo da Salamandra e Outras Peças*, Lisboa, Relógio D'Água, 2001), cujas figuras dão pelo nome de Homem e Mulher. Também a peça em um acto “O Ervilhal” (in *Azzedine e Outras Peças*, Lisboa, Relógio D'Água, 2009), patenteia as personagens Pai, Mãe e Filho. De resto, algo semelhante sucederá em “Morcegos” (in *Azzedine e Outras Peças, op.cit.*), com Velho, Velha, Rapaz, Rapariga a designarem os seus

intervenientes. É possível detectar diferenças – ou talvez modulações, em grau e intensidade – entre o tratamento das entidades Homem e Mulher no teatro e na poesia de Jaime Rocha (na qual adquirem uma profundidade que se diria antropológica); no entanto, não deixa de merecer reflexão, aquela redução da heterogeneidade a uma simpleza absoluta nas peças de teatro do autor. Designar por Mulher, Homem, Velho ou Rapariga, um conjunto variado de indivíduos, poderá eliminar factores “distractivos”, que, porventura, desviassem a atenção do espectador/leitor da centralidade do drama para a circunstância do aleatório e do biográfico civil. Desse modo, as presenças de cada peça tornam-se uma essencialidade que se despe de acrescentos dispensáveis. Cada personagem, bem longe de ser um tipo, encarna um feixe de problemáticas e de tensões que as peças não pretendem resolver, mas problematizar. Por mais paradoxal que possa parecer, arriscar-se-ia dizer que nem mesmo foge a essa condição um Ortov, personagem não só baptizada pelo autor, mas reincidente na sua obra dramática – “O Regresso de Ortov” (in *O Regresso de Ortov* seguido de *O Homem Engessado*, Companhia das Ilhas, Lajes do Pico, 2013) expande e prolonga, embora não linearmente, “O Mal de Ortov” (in *Azzedine e Outras Peças*, *op.cit.*). A personagem será, acima de tudo, uma encarnação, uma emanção dramática do que a própria letra do texto de “O Mal de Ortov” identificará como “o mal-estar social em que vive”, ou seja, o estado de coisas que será pela personagem descrito, de forma definitiva e arrasadora: “Não há ética, não há moral, não há nada, é uma vergonha.” (*O Regresso de Ortov*, *op.cit.*) Poderíamos, com todas as

reservas, e sempre com carácter provisório, chamar-lhe teatro de ideias. Mas isso deixaria de fora importantes zonas da obra dramática do autor. Certo parece ser, e em mais do que uma peça, que, ao Jaime Rocha dramaturgo, parece importar muito mais a consecução precisa e eficaz de uma ideia-chave (ou alinhamento de ideias nucleares) do que a construção de uma laboriosa trama dramática.

Se, por hipótese, se quisessem conceber as grandes linhas mestras da obra teatral de Jaime Rocha, poderiam propor-se três dominantes.

A certo núcleo de peças, poderia corresponder um mínimo denominador comum que seria possível identificar como mítico ou simbólico. A este hipotético agregado corresponderiam as obras *Deuscão*, (SPA, Lisboa, 1988), *Transviriato* (ACERT, Tondela, 2001), *Agamémnon – A Herança das Sombras* (Fluir Perene/Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Coimbra, 2012) e *Filoctetes – A Condição do Guerreiro* (Fluir Perene/Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Coimbra, 2012), *As Troianas*, com Hélia Correia (Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018). Se exceptuarmos *Deuscão* – uma poderosa operação alegórica em que a conversão de seres humanos em animais se reveste de um metaforismo ferozmente apostado em denunciar e questionar a problemática do poder –, neste conjunto de obras, os mitos gregos, mas também um mito da nacionalidade, confrontam-se com uma releitura totalmente alheia à reverência acrítica. Na verdade, embora partindo informado pelo magma cultural da Grécia Arcaica e do Classicismo, o autor emancipa-se integralmente, alcançando, não a glosa erudita (muito embora erudição

e propriedade cimentem esta prática de escrita), mas a recriação autónoma e consumada. De acordo com a palavra sábia de José Ribeiro Ferreira (cujo exemplar magistério tem incidido com especial acuidade na figura de Filoctetes e nas suas transposições para a tragédia grega), “Jaime Rocha, ao retomar o mito neste *Filoctetes – A Condição do Guerreiro*, recria-o e reformula-o: se à acção subjazem dados, palavras e gestos das peças dos três grandes tragediógrafos, em especial de Sófocles, são visíveis as intervenções a nível das personagens e do ambiente.” (*Filoctetes – A Condição do Guerreiro*, *op.cit.*) Bem assim, uma fala de Clitmnestra, em *A Herança das Sombras* (*op.cit.*) relê os acontecimentos funestos da Guerra de Tróia à luz de um cepticismo que transcende o já céptico posicionamento do próprio Eurípides – “Tu sabias que só a guerra de Tróia poderia salvar a Grécia. Onde se iria buscar o estanho e o cobre, o bronze para as armas dos teus soldados, o ouro e a prata? E os cavalos?” Por outro lado, na “Nota do Autor” de *Transviriato* (*op.cit.*), Jaime Rocha descreve a sua peça como “uma reinvenção da história passada no tempo de Viriato”. Nesse sentido, e em qualquer uma das peças propostas para este possível agrupamento, trata-se menos de uma revisitação desprendida e neutral do que de uma apropriação de marca autoral forte que enceta releituras atentas, sem servilismos.

A uma outra zona da obra dramática de Jaime Rocha poderia atribuir-se um carácter distinto, a que se chamasse naturalista, ou do quotidiano. A figurar nesta eventual divisória, peças como as que se incluem, actualmente, nas colectâneas *O Jogo da Salamandra e Outras Peças*

(*op.cit.* [“O Jogo da Salamandra”, “A Descida para as Cinzas”, “Detalhe à Porta do Inferno”, “Seis Mulheres sob Escuta”, “O Anexo”] e *O Terceiro Andar e Outras Peças* (INCM. Lisboa, 2014 [“O Terceiro Andar”, “O Construtor”, “Quinze Minutos de Glória”])), mas também parte das reunidas em *Azzedine e Outras Peças* (*op.cit.* [“Morcegos”, “No Ervilhal”]). Independentemente do carácter fortemente heteróclito deste agrupamento, existe nele, pelo menos, um ponto de união, e esse é uma representação mais ou menos naturalista de determinado corte da realidade. Motivo pelo qual estão presentes espaços cénicos como “campo” (“Morcegos”), “uma clínica” (“O Anexo”), “um edifício moderno” (“O Terceiro Andar”), ou mesmo “uma antiga taberna transformada em snack-bar” (“Quinze Minutos de Glória”). Mesmo quando a cena sofre um dessoramento que o afasta do que, algo esquematicamente, aqui se convencionou chamar “naturalismo” – “uma estética coreográfica inspirada na obra pictórica de Edvard Munch”, em “Detalhe à Porta do Inferno” –, sobrevém um projecto que, de uma forma ou de outra, visa fazer confluír as energias da peça para o mundo mais ou menos concreto e actual (ou recente) e para as suas dinâmicas reconhecíveis. Da comédia ao drama, o teatro de Jaime Rocha alcança, nestas obras, uma captura especialmente eficaz da realidade, reconfigurada pela sua arte composicional e pela criatividade do seu trabalho literário.

Um segmento, ainda, se proporia, ao qual coubesse o apodo de subterrâneo ou espectral, com peças como “Azzedine”, “O Mal de Ortov” (in *Azzedine e Outras Peças, op.cit.*), “O Regresso de Ortov” (in *O Regresso de Ortov, op.cit.*) e “Homens como Tu” (in *Azzedine e Outras*

Peças, op.cit.). Nestas obras, o autor escolhe situações que, embora situadas em cenários e situações reconhecidamente identificáveis, são dotadas de um acréscimo tonal, ou modal, que as posiciona em zona de fronteira: algures entre a representação e a metamorfose. Assim, em “Azzedine” existe, desde logo, uma dimensão metateatral, com personagens a transitar do teatro de Genet – que é, aliás, uma das pessoas do drama. Numa das peças em que, porventura, poderá haver um contacto mais próximo com o idioma poético do autor – “E aqui estás num chão de areia, sem árvores, sem vasos, a ser roído pelas pragas.” –, está em apreço, muito em particular, uma espécie de estrutura de *mise-en-abyme*. Através dela, a personagem de Genet confronta-se com um emaranhado crescente de fantasmas, que são as suas criações, num turbilhão de violência e confronto que, não só espelha os ambientes e procedimentos das suas peças, mas que se apropria das suas personagens e as revolve numa nova realidade dramática. Estamos perante, já não uma representação do real, ou de aspectos dele, mas de uma deturpação desconstruída, paródica, de uma realidade natural e textual. Nas peças do ciclo de Ortov, a personagem epónima é como um naufrago de uma sociedade que expelle os seus filhos, os devolve ao vazio inóspito do sem-sentido e da desolação maior: a do vácuo da loucura. A personagem é trespassada pelo espectro da insânia por uma incapacidade de se integrar numa homogeneidade societária que o rejeita. Mas não é o caso clínico que importa, mas a área de sombra, o limite de possibilidades, a loucura enquanto motor da invenção artística.

Autor de uma obra tripartida entre poesia, ficção e teatro, Jaime Rocha reformula a arte incalculável da escrita em reinvenções permanentes, em combinatórias que permitem comunicações proveitosas entre alvéolos de um vasto organismo que só aparentemente vivem divorciados.



O CONSTRUTOR

Estudo de figurinos para as personagens Alex Martin (1), Lili (2),
Enfermeiro (3), Dr. Weill (4) e Criada (5).

figurinista: Nuno Barracas



O CONSTRUTOR

de Jaime Rocha, 2018

na foto: Filipe Araújo e João Brás

foto: Nuno Gomes



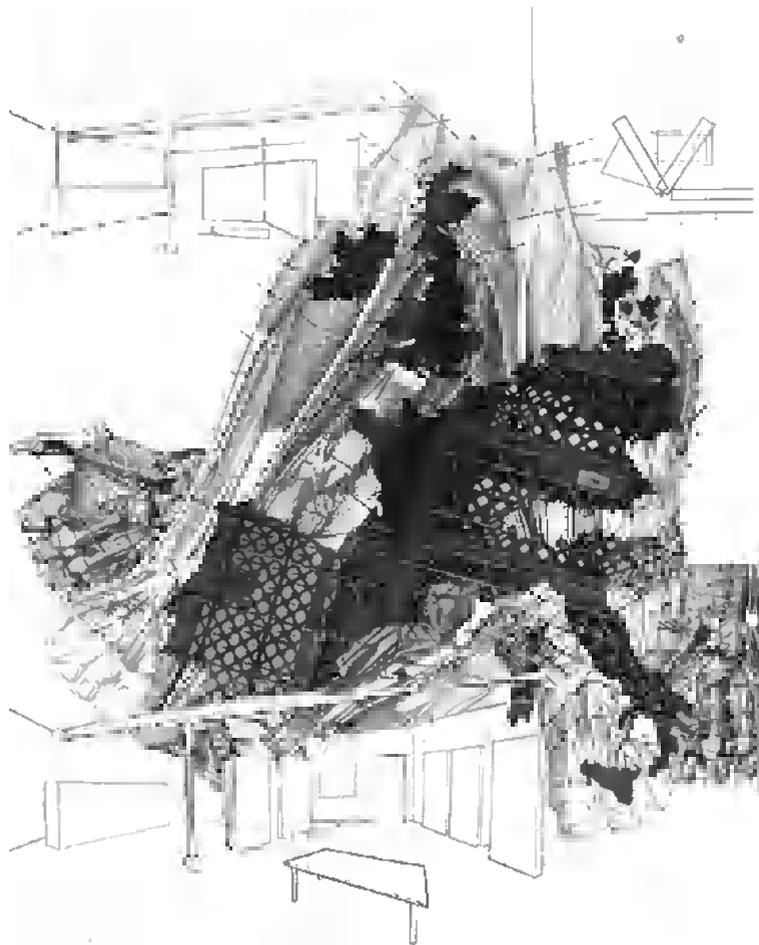


Ilustração-montagem para cenografia
de *O Construtor*, de Jaime Rocha.

Cenógrafos: Paula Hespanha
e Manuel Pedro Ferreira Chaves

O Construtor

Cenografia

A cenografia de *O Construtor* busca constituir-se como uma mais-valia no património artístico do presente acto. Na linha de trabalhos anteriores, o cenário é entendido como uma instalação plástica-cénica que incorpora conceitos chave da dramaturgia procurando potenciar-lhe a expressão através de estímulos visuais, mas, ao mesmo tempo conquistar a sua própria identidade enquanto obra.

Assim, não se pretende um cenário tradicional, exaustivo na representação fiel de cada cena, mas sim uma obra plástica que reflecta conceitos/ambiências transversais à história que consideramos serem mais significativos.

Aludindo a muito e ao mesmo tempo a nada, pretendeu criar-se um objecto polissémico através do uso descontextualizado de alguns materiais, afastando-os dos usos práticos ou morais a que estiveram sujeitos ou estariam destinados, na oferta de uma segunda vida agora como signos de ideias, objectos ou lugares recorrentes do texto proposto.

Pelo modo como são transformados e incorporados, é conferido diferente carácter a matérias pobres ou comuns ressaltando para o espectador apenas as suas qualidades intrinsecamente estéticas: formas, linhas, texturas, volume, cores, temperatura, peso.

O carácter itinerante que se perspectivava para a carreira deste espectáculo, lançou o repto de criar uma instalação não *site specific*, com a capacidade de se adaptar às condições reais de cada local em que for apresentada; tanto preparada para enfrentar escassez de recursos de palco, como para explorar o potencial técnico oferecido por salas bem equipadas.

Manuel Pedro Ferreira Chaves
Paula Hespânia

Dezembro 2018

Ficha Artística e Técnica

Designação do espectáculo *O Construtor*, de Jaime Rocha

Texto e dramaturgia Jaime Rocha

Direcção Paulo Campos dos Reis

Interpretação Filipe Araújo, João Brás, Miguel Moisés,

Patrícia Cairrão, Ricardo G. Santos, Rute Lizardo

e Virgínia Brito

Cenografia Paula Hespanha

e Manuel Pedro Ferreira Chaves

Figurinos e adereços Nuno Barracas

Costureira Carina Galvão

Desenho de luz Carlos Arroja, Nuno Gomes

e Paulo Campos dos Reis

Direcção de montagem Paula Hespanha

Montagem Pedro Sousa, João Ribeiro e Pedro Florentino

Direcção técnica Carlos Arroja

Videographer Ricardo Reis

Fotografia Nuno Gomes

Direcção de produção Ricardo Soares

Produção executiva Rute Xavier

Coordenação de projecto Paulo Campos dos Reis

e Ricardo Soares

Produção MUSGO Produção Cultural



*na foto: Patrícia Cairrão, João Brás
e Rute Lizardo*

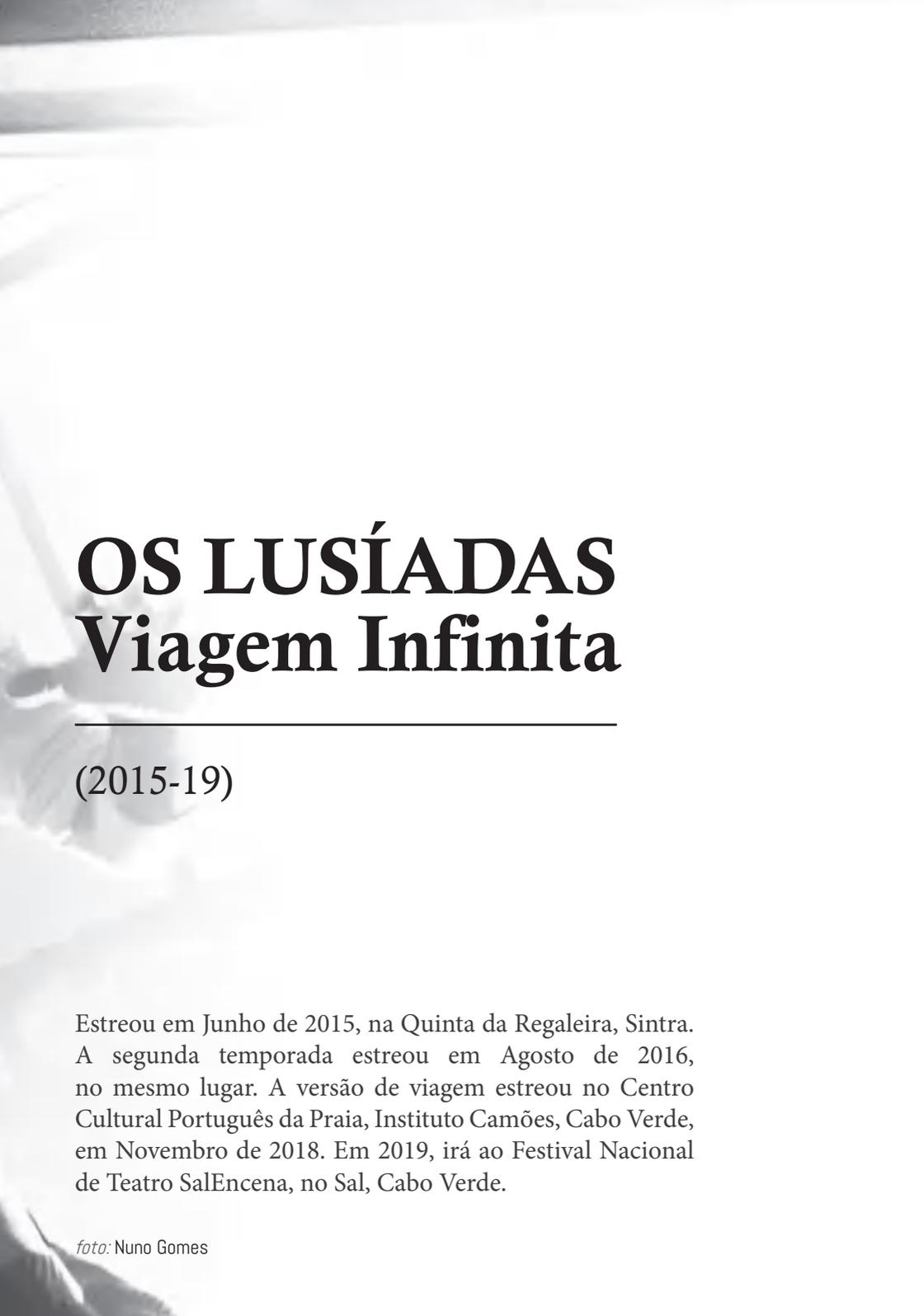
foto: Nuno Gomes

A peça *O Construtor* foi finalista do European Drama Award 94 (Prémio Europeu de Teatro), organizado pelo Teatro Estadual de Kassel e pela editora Bernd Bauer Verlag, de Berlim.

Agradecimentos

Suzana Branco (*a nossa queridíssima primeira Judite*), Fábio Ventura e Sandra Henriques



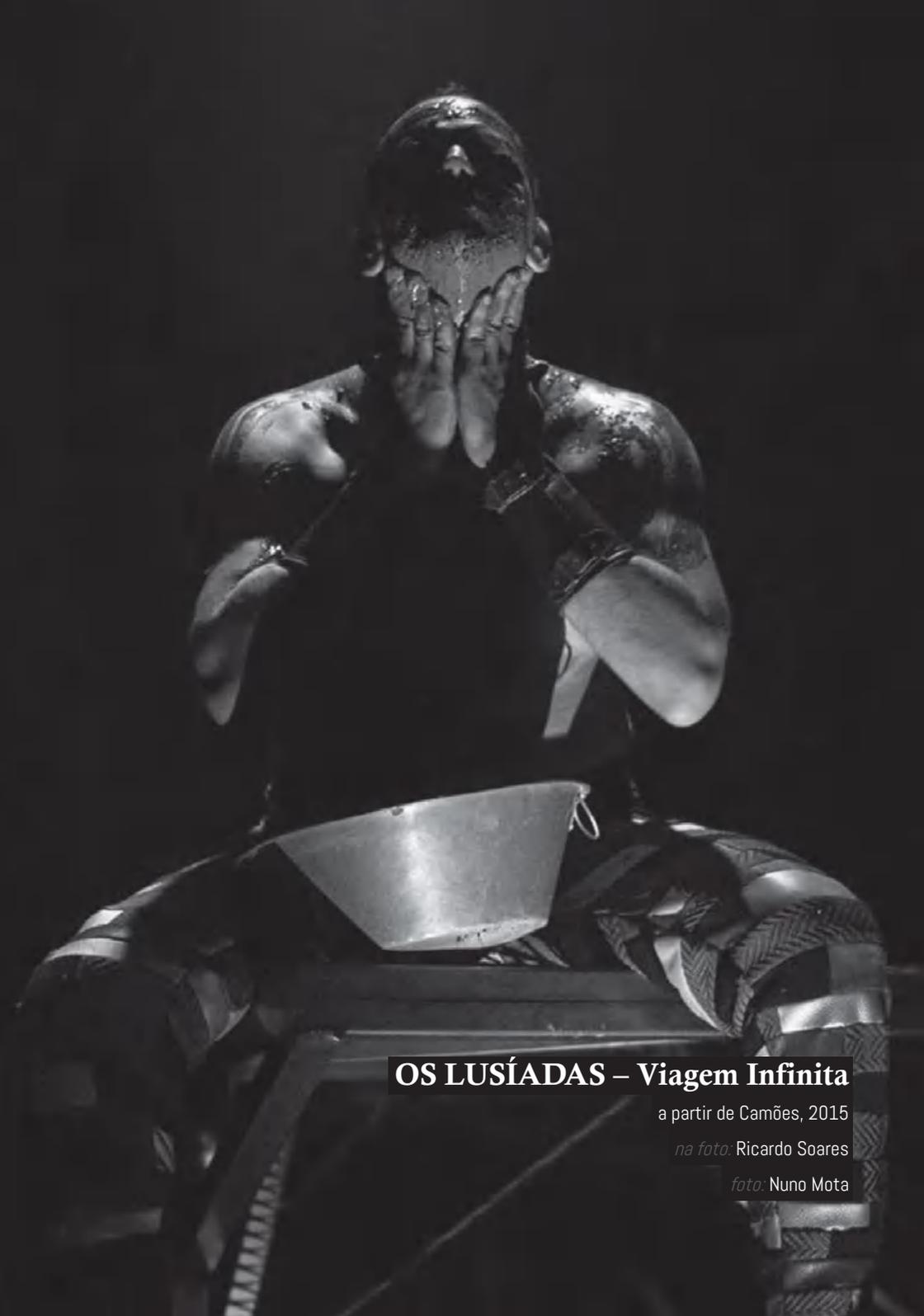


OS LUSÍADAS Viagem Infinita

(2015-19)

Estreou em Junho de 2015, na Quinta da Regaleira, Sintra. A segunda temporada estreou em Agosto de 2016, no mesmo lugar. A versão de viagem estreou no Centro Cultural Português da Praia, Instituto Camões, Cabo Verde, em Novembro de 2018. Em 2019, irá ao Festival Nacional de Teatro SalEncena, no Sal, Cabo Verde.

foto: Nuno Gomes



OS LUSÍADAS – Viagem Infinita

a partir de Camões, 2015

na foto: Ricardo Soares

foto: Nuno Mota

Foge, fuge, Camões

Ricardo Soares

... *Os Lusíadas* é constituído por dez partes, chamadas de cantos na lírica; cada canto tem um número variável de estrofes (em média 110); as estâncias são oitavas, tendo portanto oito versos; a rima é cruzada nos primeiros versos e emparelhada nos dois últimos (AB AB AB CC); cada verso é constituído do por dez sílabas métricas (decassilábico), na sua maioria heróicas (acentuadas nas sextas e décimas sílabas). E diz o António Fonseca:

- ... *Os Lusíadas* ouvem-se tão bem!

Sendo *Os Lusíadas* um texto renascentista, não poderia deixar de seguir a estética grega que dava particular importância ao número de ouro. Assim, o clímax... E diz o António Fonseca:

- Tal como a música, *Os Lusíadas* ouvem-se tão bem!

E ouvem-se. Tal como a música. Na pauta é, para muitos, de leitura impossível mas, como diz o António Fonseca, ouvem-se tão bem. Podemos não saber usar uma qualquer chave em Fá sustenido, com a qual os músicos trancam as suas notas, podemos não saber cruzar os seis primeiros

versos e emparelhar os dois últimos, mas quando damos *play* à coisa, tanto notas como palavras saem de tal forma soltas e esvoaçantes que não diríamos que estão prisioneiras. Quando damos *play* à coisa, a coisa torna-se viva e vibrante. Deixa de pertencer à bela colecção lepidóptera dos museus de ciências naturais e passa a ser um magnífico borboletário.

Quero acreditar que foi por isso que o Luiz não se deixou ir ao fundo com um punhado de manuscritos em pleno delta do Mekong. Que seria, não tanto pela bela medida dourada que pediu emprestada a Homero e a Virgílio, para trancar as suas borboletas mas, mais pelas próprias borboletas, essas sim, o ouro que salvava das águas. Quero acreditar que no mesmo instante em que, ao invés de oxigénio começa a chegar água salgada aos seus pulmões, nesse instante em que regressa à tona d'água em busca desse oxigénio, nesse mesmo instante, como que utilizando uma janela no espaço e no tempo, irrompe como irrompem aqueles mísseis que são lançados de dentro de água, irrompe violentamente num dos lagos da Quinta da Regaleira, em Sintra. E lá estão os turistas e visitantes que, passeando perto do lago vêm sair, violentamente destas águas paradas, um homem estremunhado, de barba desgrenhada, com esse punhado de manuscritos na mão, inspirando com tanta força que se diria que não respirava desde esse acidente no delta do Mekong.

Foi isso que quisemos fazer. Agitar as águas. Arranjar caminho para ele poder respirar. Descobrir o prisioneiro ao invés do cárcere. Democratizá-lo. Democratizá-lo e celebrar a viagem infinita que é descobrirmo-nos uns aos outros.

Os Lusíadas ouvem-se tão bem, como diz o António Fonseca. E o António Fonseca di-los tão bem. Então pedimos-lhe a voz emprestada para presidir ao concílio dos deuses. E pedimos também a do Zé Neto e da Suzana Branco. Pedimos a da Patrícia Cairrão, a da Cláudia Palma e a da Mara, que nos cantou o fado do Leonardo na malha crioula que o Nuno Cintrão tinha entrançado. Uma malha entrançada entre Sintra e Macau, onde está, aqui ao lado, o Bruno Oliveira. Uma malha a quatro mãos que desenha o caminho marítimo para a Índia, entre Sintra e Macau, Lisboa e Calcutá. Um caminho marítimo desenhado numa Oficina das Artes que o João Cruz Alves redesenhou para acolher esta viagem. E na oficina se esculpiu um promontório, duas naves, uma do espaço, outra do tempo, uma praia, uma tempestade e uma ilha dos amores pelas mãos da Paula Hespanha e do Manel Chaves. E vocês outros foram entrando nesta nave que durante dois anos ancorou em Sintra. E durante dois anos, agarrando na garrafa de vinho que me acompanhava, quando não acompanhava o Filipe Araújo, e contra o que diz o código da estrada, orientámos aquela nave, o Paulo eu e o Fábio. E que tusa que me dava ir contra o código da estrada. Invocava as minhas tágides, a mãe e a amada, brindava ao pai em jeito de dedicatória e fazia-me à estrada. Que tusa!

E agora vamos levantar ferro, graças a estes marinheiros assinalados e a outros tantos marinheiros assinaláveis que já o vento faz no tronco o usado movimento.

Seguir viagem no corpo e no espírito.

Clipping de dramaturgia para *Os Lusíadas – Viagem Infinita* a partir de Camões

Poucos poetas mereceriam menos o destino póstumo de monumento nacional do que Camões. Fixá-lo numa imagem de grandeza estereotipada é neutralizar a grandeza real de quem preferiu ao conforto das ideias recebidas a precária demanda de experiências ainda sem nome. Ao dignificar a experiência como base do conhecimento, Camões é um poeta moderno. Como os outros grandes perenes da literatura renascentista (Cervantes na prosa, Shakespeare no teatro, poucos mais), quando fala do seu tempo e para o seu tempo, está também a falar do nosso tempo e para o nosso tempo. Disto resulta que possa haver um Camões diferente (ou um Shakespeare, ou um Cervantes) de cada renovada perspectiva de leitura, muitas delas legítimas, nenhuma definitiva. Mas também significa que há sempre na obra de Camões alguma coisa que escapa a qualquer discurso crítico que pretenda afirmar mais do que interrogar as multifacetadas complexidades da sua obra.

Helder Macedo

“Luís de Camões: o testemunho das cartas”, 2010

Um velho preconceito tornou Os Lusíadas apanágio dos eruditos e das escolas; mas há no Poema uma oralidade viva, um sabor da palavra gostosa que é própria dos bardos, dos aedos, dos jograis, dos Antónios Aleixos que nos restam. É um livro para ser entoado por recitadores, e não analisado por gramáticos. Por vezes interessa pouco o que ele diz, e vale só a língua sonora que percorre os vários graus da escala, uma palavra que esplende, um som rouco de queixa ou um gesto teatral que se entrevê (...).

António José Saraiva

“Estudos Sobre a Arte d’Os Lusíadas”, 1978

Da nossa intrínseca e gloriosa ficção Os Lusíadas são a ficção. Da nossa sonâmbula e trágica grandeza de um dia de cinquenta anos, ferida e corroída pela morte próxima, o poema é o eco sumptuoso e triste. Já se viu um poema ‘épico’ assim tão triste, tão heroicamente triste e tristemente heróico, simultaneamente sinfonia e requiem?

Eduardo Lourenço

“O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português”, 1978

O autor textual que canta o novo Reino que os portugueses tanto sublimaram, que aceita uma visão providencialista da história de Portugal, que exalta a expansão do Império e da Fé, é também o autor textual que, agonicamente dividido, adivinha, anuncia, reconhece, deplora e condena a face obscura, temível e infame – a outra face – da gesta heróica, dos seus ideais e dos seus benefícios nacionais e universais. Os Lusíadas são o poema dramaticamente moderno destas oscilações, destas ambiguidades e destas aporias, e tão redutoras da sua complexidade e da sua autenticidade estética, antropológica e ética, são as leituras de ‘direita’ que não têm consciência daquelas oscilações, ambiguidades e aporias, ou as que rasuram, como as leituras de ‘esquerda’ que, em geral de modo oblíquo, ignoram ocultam ou lastimam os valores religiosos e políticos que são exaltados no argumento do poema.

Vítor Manuel Aguiar e Silva
“A Lira Dourada e a Tuba Canora”, 2007

Em Os Lusíadas, a viagem fulcral conducente à alegoria da Ilha do Amor é a viagem na direcção do amor, acreditando no seu poder como futuro regulador do mundo, minado pela desarmonia, pela 'filáucia' ou excesso de egoísmo, procura de poder, de lucro e de glória. Esta verdade do tempo de Camões é adequada aos nossos dias, podendo também entrever-se uma esperança de uma jornada futura para o amor. Se a Ilha de Vénus é uma alegoria do amor e uma esperança para a humanidade futura, a consciência do estado do mundo e a esperança de uma charneira para o futuro, na obra de Camões, apresenta a maior actualidade.

Helena Langrouva

"A Viagem na Poesia de Camões", 2006

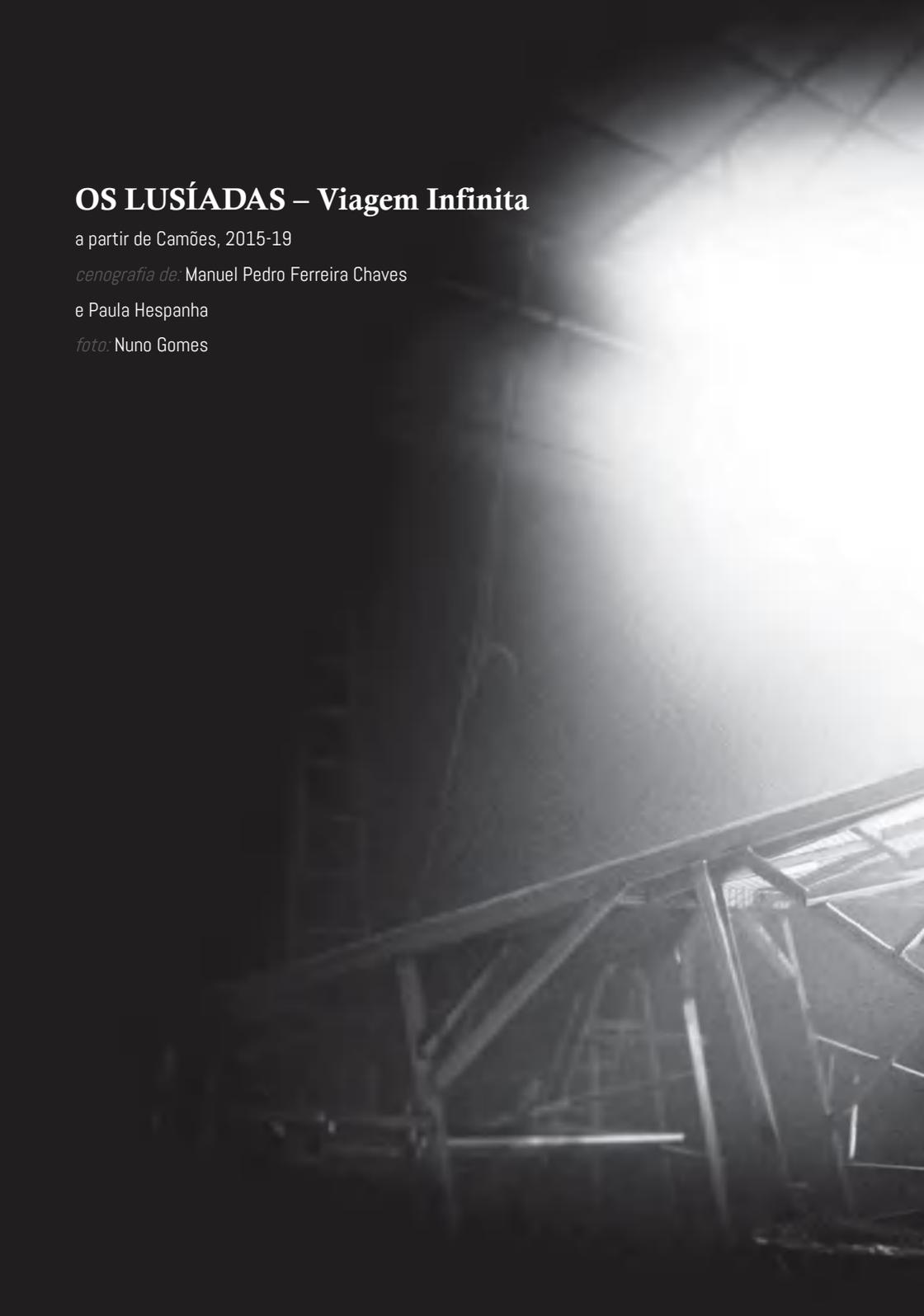
OS LUSÍADAS – Viagem Infinita

a partir de Camões, 2015-19

cenografia de: Manuel Pedro Ferreira Chaves

e Paula Hespanha

foto: Nuno Gomes







Estudo de figurino para *Os Lusíadas – Viagem Infinita* a partir de Camões

figurinista: Nuno Barracas



Ficha Artística e Técnica

Designação do espectáculo *Os Lusíadas – Viagem Infinita*, a partir de Camões

Adaptação Paulo Campos dos Reis

Encenação e dramaturgia Paulo Campos dos Reis e Ricardo Soares

Interpretação Ricardo Soares ou Filipe Araújo

Fadista Mara | Música original Nuno Cintrão

Sonoplastia Bruno Oliveira

Cenografia e montagem Paula Hespanha, Manuel Pedro Ferreira Chaves

Direcção de montagem de cenografia Paula Hespanha

Apoio à montagem Michael Sweeny, Marinel Matos, Paulo Gonçalves

Figurinos Nuno Barracas | Confeção de figurinos Carina Galvão

Desenho de luz Paulo Campos dos Reis

Direcção técnica Fábio Ventura

Operação de som e luz Fábio Ventura, Marco Lopes, Pedro Moreira

Assistência técnica João Félix

Assistência de montagem técnica Marco Lopes, Pedro Moreira

Ilustração e artes finais Alex Gozblau

Fotografia Nuno Gomes

Assessoria de imprensa Isabel Marques

Vídeos promocionais Ricardo Reis

Vozes off António Fonseca, Cláudia Palma,

José Henrique Neto, Patrícia Cairrão,

Paulo Campos dos Reis, Ricardo Soares

Gravação de vozes off VBM Records

(Luciano Barros e Rui Fingers)

Assistência de produção Carina Soares, Marco Lopes

Produção executiva Fábio Ventura

Coordenação de projecto Paulo Campos dos Reis

e Ricardo Soares

Produção MUSGO Produção Cultural

Agradecimentos

António Fonseca, bYfurcação teatro, Emanuel Ventura, Luciano Barros, Rita Tomás, Rosário Barros, Sobreira e Serras, teatromosca, Teatro Tapafuros, Utopia Teatro, VBM Records, Valdevinos – Teatro de Marionetas, FC Produções Teatrais.

Ofensiva Amada, 2016

Na foto: Nuno Vicente e Carla Trindade

Foto: Nuno Gomes



GENTE JUNTA



Curricula

António Fonseca

Actor, estudou filosofia e teatro. Trabalhos mais recentes: *Toda a Cidade Ardia*, enc. Marta Dias, Teatro Aberto; *Ricardo III*, enc. Tónan Quito; *Os Lusíadas* (versão integral); gravação de *Os Lusíadas* e edição em áudio-livro: *Os Lusíadas como nunca os ouviu*; *Espelho d'Água, Mar Salgado* (Sic); *Os Boys* (RTP1).
É professor no Curso de Teatro e Educação da ESE Coimbra.

Bruno Oliveira

Designer e engenheiro de som. Estudou engenharia de som na SAE Institute, Música Electroacústica e Sound Design na UNL, Teatro e Comunidade na ESTC. Trabalhou com o Teatro Politeama, Amálgama, Quorum Ballet, teatromosca, Cassefaz, Chapatô, Éter, Musgo, etc. Em Macau foi coordenador técnico para os Festivais Internacionais de Artes, Música, e Jazz. Em 2013 juntou-se à companhia Dragone nos espectáculos *Taboo* e *The House of Dancing Water*. É actualmente, multimedia manager no MGM Cotai em Macau.

Carina Soares

Desde pequena que tem o gosto pela costura e em 2011 aceita o convite para estilizar os figurinos de um espectáculo já em cena. Tem vindo a colaborar com algumas companhias de teatro, como frente de sala, no guarda-roupa e como figurinista. Em 2013 começou a trabalhar com a Musgo na criação e concepção de figurinos para o espectáculo *Ulisses*. A partir daí tem vindo a colaborar em outros espectáculos da companhia.

Carlos Arroja

Nasceu em 1965. Tem formação em electricidade, som e iluminação, sendo todo o trabalho direccionado para a iluminação e direcção técnica. Trabalha desde 1992 na área dos espectáculos, fazendo nos últimos anos desenhos de luz para teatro, dança e música, a nível nacional e internacional. Foi também director técnico de vários festivais nacionais e internacionais, salas, companhias de teatro e de dança. Actualmente é director técnico da companhia teatromosca, Artcom, MUSGO Produção Cultural, bYfurcação e Companhia da Esquina, entre outros projectos pontuais.

Cláudia Palma

Vim do Alentejo no ano 2000 para tirar Formação na Área de Interpretação, com Cuxa Carvalheiro, depois disso tirei Representação para TV e Cinema, com André Cerqueira e Thaís de Campos, mas como me identificava mais com teatro fiz então o Curso de Expressão Dramática durante 3 anos no Chapatô, com o Bruno Schiappa, e Formação de Teatro, mais tarde, com António Terra.

Em 2001 conheci Ricardo Santos, com quem trabalhei nesse mesmo ano num espectáculo para infância. E mais tarde fui convidada por ele a fundar a companhia de teatro Animateatro, no Seixal, de que faço parte até aos dias de hoje. Em 2012/13 a Animateatro fez uma parceria com a companhia de teatro MUSGO, da qual fiz parte do espectáculo *Ou Quixote* e em que tive a sorte de trabalhar com pessoas fantásticas e guardarei essa experiência e o grupo para sempre.

Filipe Araújo

Nasceu em França, em 1981. Veio para Sintra em 1986. Estudou História da Arte na FLUL. Frequentou o Curso de Actores pela Companhia de Teatro de Sintra. Recebeu formação de Ávila Costa, Marcia Haufrecht, Filipe Crawford, Teatro do Vestido, Berty Tovías, Paulo Castro e Patrice Douchet. Em teatro, trabalha profissionalmente desde 2006. E faz outras coisas.

Jaime Rocha

Poeta, dramaturgo e ficcionista, Jaime Rocha é autor das peças *O Jogo da Salamandra*, *Casa de Pássaros*, *O Mal de Orto*; *Seis Mulheres Sob Escuta*, *Homens Como Tu* e *Morcegos*. Foi galardoado com o Grande Prémio APE de Teatro 1998, com “O Terceiro Andar”, texto incluído no volume *O Construtor*. Em 2004, recebe o Grande Prémio Português de Teatro, com *Homem Branco Homem Negro*.

João Brás

João Manuel Lopes Brás (1963) desperta para o teatro em 1984 no Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro. Em 1991 profissionaliza-se, mantendo até aos dias de hoje actividade regular como actor, encenador e autor. No virar do século inicia com regularidade participações em programas de entretenimento e ficção na TV.

Mário Trigo

Recebeu formação teatral com os Paines Plough – Seminário para Encenadores e Escritores, dirigido por John Tiffany

e Enda Walsh. Teve formação com Gennadi Bogdanov, Eimuntas Nekrosius e Luís Lima Barreto, entre outros. Em 1998 fundou a companhia Associação Teatro Focus, onde encenou autores como F. Céline, Boris Vian, Oscar Wilde, Sófocles, Jean Genet, Isabel Freire, Fernando Sousa, Gil Vicente e Molière, entre outros. Enquanto actor tem exercido uma colaboração com encenadores portugueses, dos quais destaca Ávila Costa, João Meireles, Pompeu José, Pedro Carmo, Pedro Alves, Francisco Campos, Rui Guilherme Lopes, Rui Mário e Paulo Campos dos Reis. Com o teatromosca encenou *Retratinho de Guerra Junqueiro*, *Retratinho de D. Carlos* e *Dor Fantasma*, e em 2013 assumiu a direcção artística do projecto GOETHE, onde dirigiu *A Paixão do Jovem Werther*, em cena na Casa de Teatro de Sintra. Actualmente lecciona a disciplina Interpretação III na In Impetus – Escola de Actores, onde encenou *Preciosas Ridículas* e *O Avarento*, textos de Molière; *AGAMÉMNON paisagem Oresteia*, de Ésquilo. Com a MUSGO Produção Cultural integrou como actor o espectáculo *Ou Quixote*, e encenou os espectáculos *Ulisses e 14-18*.

Miguel Moisés

Licenciado em Teatro pela Universidade de Évora (2013-2016), onde trabalhou com Ana Tamen, João Grosso, Tiago Porteiro, Beatriz Cantinho, José Alberto Ferreira, João Cáceres e Christine Zurbach. Teve formações com Ricardo Carriço, Nuno Madeira Rodrigues e mais recentemente com Marcia Haufrecht. Em 2013 integrou o elenco da peça *Conspiração no Palácio*, pela companhia de teatro Utopia, onde foi encenado por Nuno Vicente. Participou na peça *A Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, com o teatro TapaFuros.

Nuno Barracas

Formou-se na Escola Superior de Teatro e Cinema, no curso de Realização Plástica do Espectáculo. Posteriormente concluiu a sua especialização em cenografia na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Tem colaborado desde 2012 com diversas produções da MUSGO. Pontualmente participa em algumas formações, ou outros cursos, dos quais destaca a sua presença na Quadrienal de Cenografia, em Praga, e Encontro de Jovens Designers, na Turquia. Neste momento conclui o mestrado na Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Nuno Cintrão

Guitarrista, professor, compositor e performer. Divide o seu tempo entre a performance e a educação. Ao longo do seu percurso tem tido a oportunidade de colaborar com artistas de diferentes áreas. Compõe música para teatro, vídeo e dança tendo colaborado com diversas companhias e artistas. Tem concebido e realizado workshops, formações e espectáculos para a Fábrica das Artes – CCB, Fundação Calouste Gulbenkian e Associação Portuguesa de Música nos Hospitais, entre outros. Para além de Portugal, teve a oportunidade de apresentar os seus projectos na Bélgica, Hungria, Alemanha, Brasil, Itália e Espanha.

Nuno Gomes

Nasceu em 1978. Técnico de espectáculos desde 1996. A fotografia surgiu como hobby e, naturalmente, da necessidade de expandir o alcance da criação artística. O começo mais óbvio foi a documentação de imagens de cena em teatro. Começou por

fotografar o espectáculo então patente na Quinta da Regaleira, *Solércia*, do Teatro TapaFuros. Desde então tem vindo a colaborar com alguns grupos de teatro de Sintra, entre os quais se destacam os Instantâneos, a Câmara dos Ofícios, o teatromosca e a MUSGO Produção Cultural.

Nuno Mota

Formado em cerâmica entre 1996 e 2002, o interesse por fotografia flui em 2010, com destaque para a fotografia de paisagem. Em 2011 frequenta uma oficina de fotografia de cena pelo fotógrafo Pedro Soares e desenvolve algumas colaborações com companhias de teatro de Almada. Nos anos seguintes surgem várias publicações em Portugal e além-fronteiras no âmbito da fotografia de paisagem e colaborações em fotografia de cena com realce para o festival Sementes (Teatro Extremo), Mostra de Teatro de Almada, MUSGO Produção Cultural e Fundação Cultursintra – Quinta da Regaleira.

Patrícia Cairrão

Performer, criadora, formadora e investigadora. Desenvolve projectos na área da Arte Participativa, no âmbito do Mestrado em Teatro e Comunidade, na Escola Superior de Teatro e Cinema. Fundadora e membro da direcção da RUGAS, vem colaborando também com diversas entidades e criadores, entre os quais ESTC, Teatro Umano, ACM, Rita Wengorovius, Madalena Vitorino, Martim Pedroso e Paulo Campos dos Reis.

Paula Hespanha

Nasceu em Coimbra. Frequentou o curso de Imagem e Comunicação Audio-Visual da Escola de Artes Decorativas António Arroio e é licenciada em Escultura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, em 1993. Trabalha em escultura e cenografia desde 1988. Colabora com a MUSGO Produção Cultural desde a sua fundação, na concepção e realização de instalações, cenografias e adereços, em parceria com Manuel Pedro Ferreira Chaves.

Manuel Pedro Ferreira Chaves

Nasceu em Lisboa. Frequentou o curso de Equipamento e Interiores da EAD António Arroio e Arquitectura na FAUTL (1993). Mestrado na FAUL (2012), com trabalho de investigação sobre a Arquitectura Moderna em Portugal. Colabora em vários ateliês de arquitectura (1986-2000). Realiza (desde 1993) projectos para habitação unifamiliar, arquitectura de interiores, arte pública, escultura e cenografia. Colabora com a MUSGO Produção Cultural desde a sua fundação, na concepção e realização de instalações, cenografias e adereços, em parceria com Paula Hespanha.

Paulo Campos dos Reis

Estudou na Escola Superior de Teatro e Cinema, Amadora, e na Escola Superior de Jornalismo, Porto. Encenou 27 espectáculos com textos de, entre outros, Camões, Cervantes, Beckett, Sophia de Mello Breyner, Herberto Helder, Exupéry e Bogosian. Escreveu nove textos para teatro. É co-fundador dos colectivos Valdevinos Teatro de Marionetas, teatromosca, Éter Cultural e MUSGO Produção Cultural.

Ricardo G. Santos

Em actividade a tempo inteiro no teatro desde o ano 2000. Dirige a RUGAS Associação Cultural, com sede na Terrugem, Elvas, desde 2015. Para além do trabalho artístico, desenvolve projecto de âmbito social.

Ricardo Reis

Ricardo Reis é um realizador e cinematógrafo português nascido em 1985. Dedicou-se à concepção, realização e produção de videoclips, curtas-metragens, documentários, e vídeo-projectos com diversas companhias de dança, teatro e editoras musicais. Em 2014, a sua primeira curta-metragem é exibida na selecção oficial do festival MOTELx. Em 2016, *Take Away* representa Portugal na final do 48h Film Project. Ao longo da sua carreira já teve algumas menções honrosas em festivais e os seus videoclips têm milhões de visualizações. Em 2018 finaliza os documentários *Desparaíso*, em parceria com a MUSGO Produção Cultural, focado na realidade da emigração lusófona, e *Lusitano Clube – 111 anos e 10 dias*, sobre o encerramento de espaços emblemáticos na cidade de Lisboa.

Ricardo Soares

Nasceu em 1979. É mestrando em Teatro – Encenação, na Escola Superior de Teatro e Cinema. Concluiu o Curso Profissional de Artes do Espectáculo na Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo e trabalha ininterruptamente em teatro desde 2001. É membro fundador da MUSGO Produção Cultural, plataforma na qual vem desenvolvendo o seu trabalho de actor, encenador e produtor desde 2012. É membro fundador do grupo de teatro de improviso Instantâneos. Foi encenado por António

Pires, Filipe Crawford, Jorge Gomes Ribeiro, José Henrique Neto, Luzia Soares, Mafalda Saloio, Mário Trigo, Miguel Jesus, Nuno Vicente, Paulo Campos dos Reis, Ricardo Santos, Rui Brás, Rui Mário e Suzana Branco. Vem frequentando várias formações em técnica de improvisação teatral e em técnica da máscara. Actualmente o seu trabalho divide-se entre a coordenação dos destinos da MUSGO, onde trabalha como produtor, actor e encenador, e as colaborações com os Instantâneos no domínio da improvisação teatral.

Rute Lizardo

Nasceu em 1977, em Vila Franca de Xira. É actriz da MUSGO Produção Cultural. Curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais, com direcção de Carlos Avilez (94/97). Trabalha profissionalmente desde 98. Interpretou textos de Ferdinand Céline, Sófocles, William Shakespeare, Timberlake Wertenbaker, Luigi Pirandello, Oscar Wilde, Charles Dickens, Gil Vicente, Eça Leal, Luísa Barreto, Paulo Borges, Rui Mário, Maria Almira Medina, Jorge Menezes, Hélia Correia, Ramon Gomez de la Serna, Luis Buñuel, Carlo Collodi, Homero, José Saramago, Ray Bradbury, Sophia de Mello Breyner Andresen, Edgar Allen Poe e Jaime Rocha. Trabalhou com Mário Trigo (Teatro Focus), Pedro Alves, João Miguel Rodrigues (teatromosca), Fernanda Lapa (Escola de Mulheres), Rui Mário (Teatro TapaFuros), Nuno Vicente (Utopia Teatro), Filomena Oliveira (Éter), Susana C. Gaspar (Deriva), Paulo Campos dos Reis (MUSGO Produção Cultural) e Marco Graça (Instantâneos), entre outros.

Rute Xavier

Entre 1991 e 2001 fez parte de um grupo de teatro amador, onde não só foi actriz como também experimentou outras vertentes adjacentes à área teatral, como contra-regra e ponto.

Nunca esquecendo a arte da representação, o seu caminho é feito noutras áreas profissionais, como o ensino, onde dinamiza a sua sala de aula fazendo pequenas representações com os seus alunos. Em 2016 envereda pela produção teatral aceitando o desafio que lhe foi lançado pela MUSGO Produção Cultural.

Suzana Branco

Formada em teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema e em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade Nova. Tem trabalhado como actriz e encenadora com diversas entidades em Portugal e no estrangeiro. Entrou em filmes, curtas, telenovelas e programas infantis. Realizou um filme e lançou três textos em co-autoria. Ganhou dois subsídios pontuais, destaque de Melhor Peça do Ano e dois prémios pelo Clube Português de Artes e Ideias. É cooperante do teatro O Bando.

Virgínia Brito

Virgínia Brito, performer e formadora de teatro. É licenciada em Theatre, Drama and Performance Studies na University of Roehampton de Londres. Fez o curso de Interpretação na Escola Profissional de Teatro de Cascais. Como performer, trabalhou no Teatro Nacional D. Maria II e no Teatro Nacional de Londres, cidade na qual participou em vários projectos teatrais.

Ou Quixote

a partir de Cervantes (2013)

cenografia de: Manuel Pedro Ferreira Chaves

e Paula Hespanha

foto: Nuno Mota

HISTORIAL GRÁFICO



POESIA À MESA, 2013

(sessões de poesia)

coordenação de:

Regina Gaspar

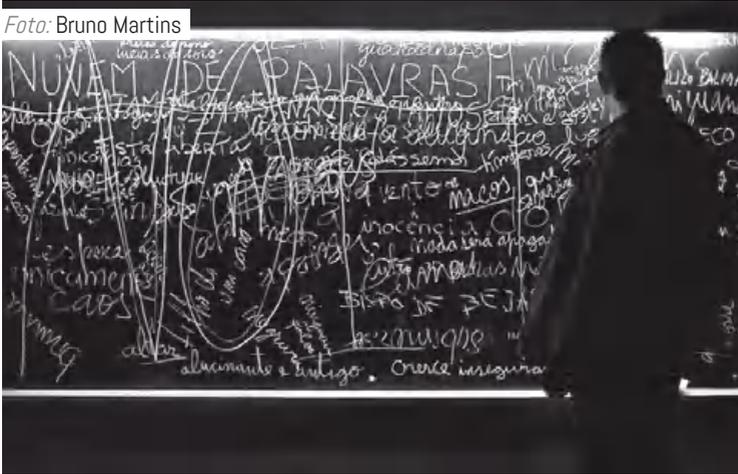


Se a poesia tivesse mesa era um U. Se a mesa tivesse poesia era uma grande jantarada. Se a jantarada o tivesse a si seria Poesia à Mesa. Porque a palavra sai da boca e entra no ouvido, como pode o ouvido ouvir o que a boca não comeu? Poesia à Mesa é um U onde se senta quem faz da poesia o que ela é.

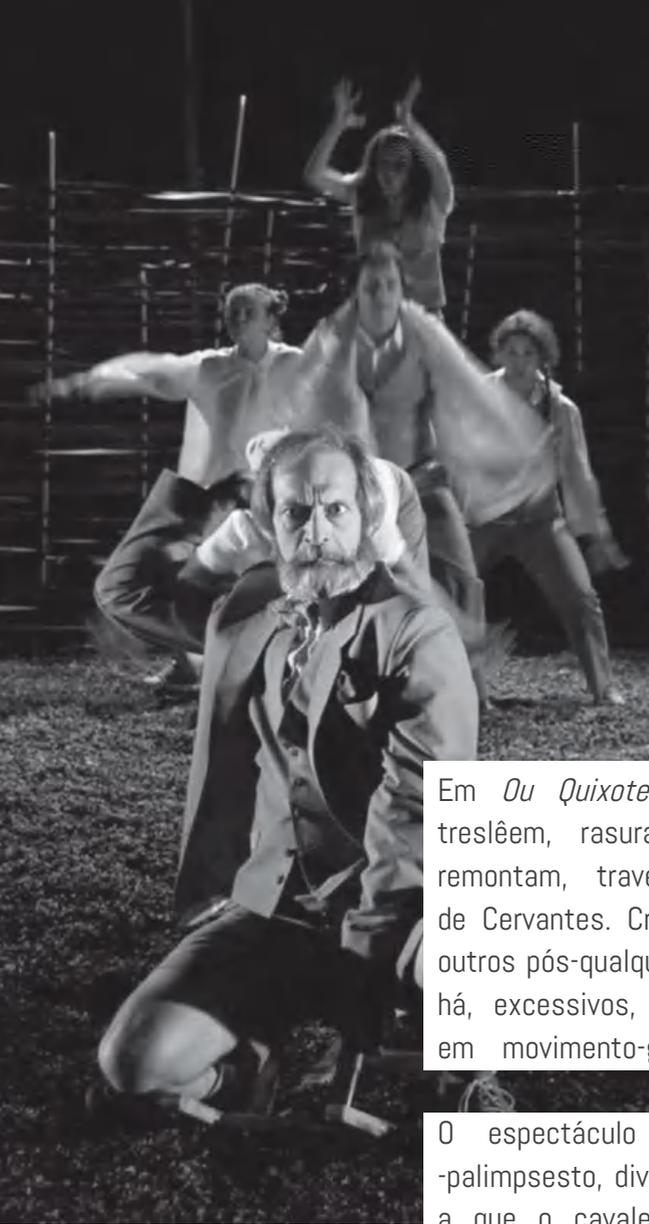
SUBLIMAÇÃO, 2013

(performance)

Foto: Bruno Martins



As palavras vivem enclausuradas e sólidas dentro dos livros--objecto. Na sua leitura em voz alta são libertadas para uma liberdade fechada, uma sala, ou caixa de palavras. A páginas tantas, a caixa fica saturada de palavras, não restando qualquer espaço para a sua sublimação. No decorrer do ocaso do sol, e quando o último raio de luz fenece, as palavras são libertadas pela janela para uma outra liberdade. No entanto, existem na cabeça de quem as leu e também na “nuvem comum” de palavras ao fundo da sala. Essa cabeça, e essa nuvem, são ou não mais finitas do que a libertação delas para o sol?



OU QUIXOTE, 2013 (teatro)

a partir de Cervantes

Direção: Paulo Campos dos Reis

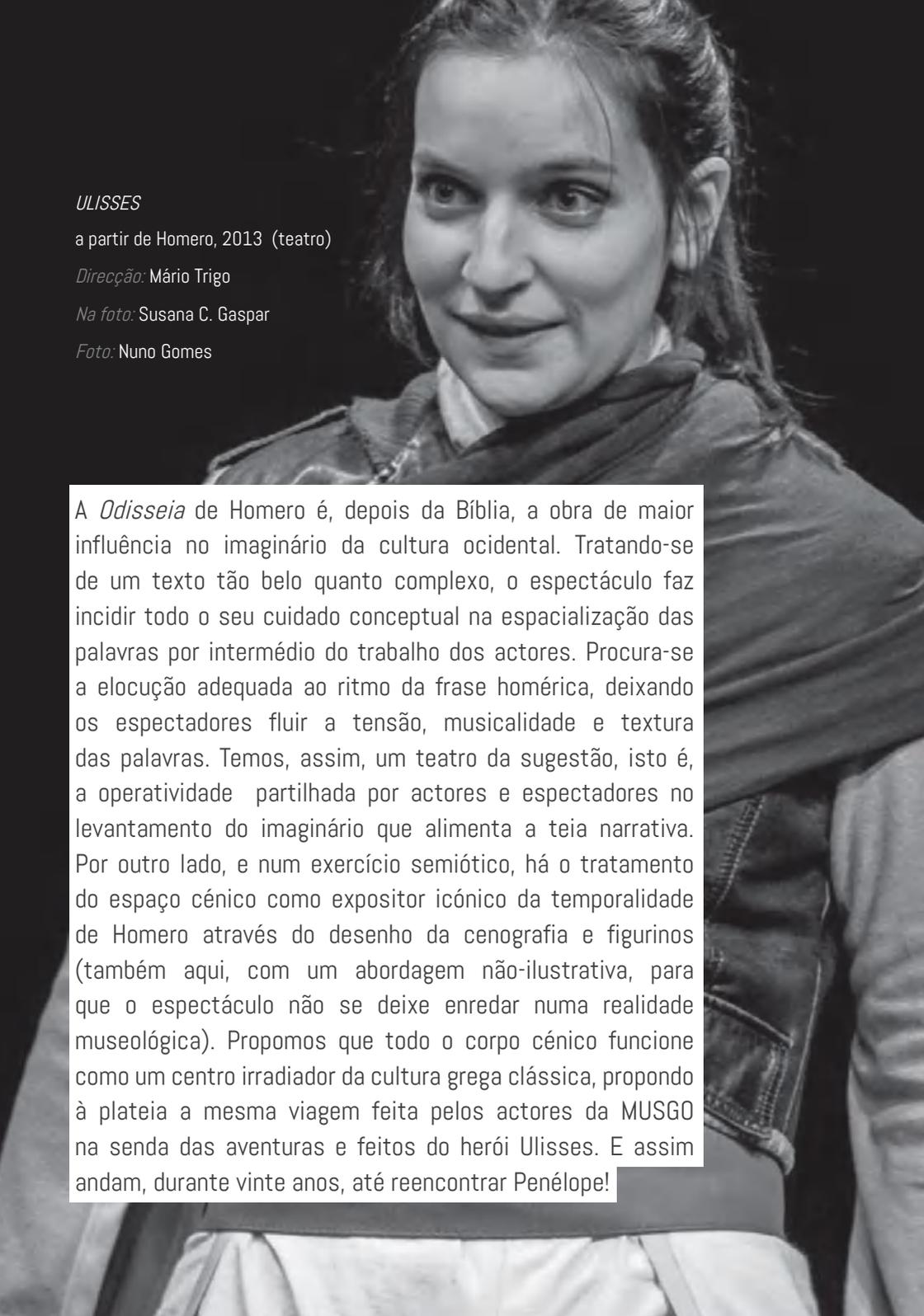
Na foto: Zé Neto

Foto: Nuno Gomes

Em *Ou Quixote*, os actores lêem, relêem, treslêem, rasuram, regurgitam, reescrevem, remontam, travestem, ocupam o romance de Cervantes. Cruzam o Quixote barroco com outros pós-qualquer-coisa coevos, os que ainda há, excessivos, discretos, andantes sempre, em movimento-guerrilha, falantes, volitivos.

O espectáculo cose, numa performance-palimpsesto, diversas apropriações simbólicas a que o cavaleiro andante se achega. Um Quixote-messias-pessoal-sábio-louco-burgesso. Espectáculo sobre-informativo, fala-barato, errado. Tudo menos o Quixote.

Ou Quixote. Ou Sancho.



ULISSES

a partir de Homero, 2013 (teatro)

Direcção: Mário Trigo

Na foto: Susana C. Gaspar

Foto: Nuno Gomes

A *Odisseia* de Homero é, depois da Bíblia, a obra de maior influência no imaginário da cultura ocidental. Tratando-se de um texto tão belo quanto complexo, o espectáculo faz incidir todo o seu cuidado conceptual na espacialização das palavras por intermédio do trabalho dos actores. Procura-se a elocução adequada ao ritmo da frase homérica, deixando os espectadores fluir a tensão, musicalidade e textura das palavras. Temos, assim, um teatro da sugestão, isto é, a operatividade partilhada por actores e espectadores no levantamento do imaginário que alimenta a teia narrativa. Por outro lado, e num exercício semiótico, há o tratamento do espaço cénico como expositor icónico da temporalidade de Homero através do desenho da cenografia e figurinos (também aqui, com um abordagem não-ilustrativa, para que o espectáculo não se deixe enredar numa realidade museológica). Propomos que todo o corpo cénico funcione como um centro irradiador da cultura grega clássica, propondo à plateia a mesma viagem feita pelos actores da MUSGO na senda das aventuras e feitos do herói Ulisses. E assim andam, durante vinte anos, até reencontrar Penélope!

Quando um pianista, uma bailarina, uma cantora e uma actriz se juntam para exaltar o homem que mandou edificar os Jardins e Palácio da Pena, o resultado é uma ópera de câmara, prêt-à-porter; a figura, claro, a do Rei-Artista; e o monte santo de Sintra, o lugar onde tudo isto decorre. O nosso tributo antecipa a celebração dos duzentos anos sobre o nascimento (1816) do viúvo de D. Maria II, do marido da condessa d'Edla. O vienense que nos ensinou a gostar mais e melhor de Portugal, das Artes, da Vida.

UMA ROSA PARA D. FERNANDO II

de Paulo Campos dos Reis, 2014 (transdisciplinar)

Direcção: Paulo Campos dos Reis

Na foto: Clara Marchana e Tiago Correia

Foto: Nuno Gomes



CHER PETIT MAESTRO

de Paulo Campos dos Reis, 2014

(transdisciplinar)

Direcção: Paulo Campos dos Reis

Na foto: Rute Lizardo

Foto: Nuno Gomes



Conta-se que um menino de cinco anos compôs, certo dia, ao harmónio, uma melodia muito bonita. Não sabia uma nota, porque ninguém o ensinara e, todavia, conta-se, e é verdade, que tinha a graça da música. Por diligências do pai, o rei e a segunda esposa do rei (ambos músicos) receberam o petiz em audição. A criança repetiu o prodígio. A esposa do rei, emocionada, anunciou que a educação musical do pequeno correria, doravante, a expensas suas. Conta-se e é verdade. O menino era José Vianna da Motta. O casal, D. Fernando II e a condessa d'Edla. O lugar, Sintra. Vianna da Motta é considerado um dos mais influentes pianistas portugueses de todos os tempos.

Corpo-Mercadoria é um projecto teatral que tem como ponto de partida o tema do tráfico de seres humanos e a escravidão moderna. O esvaziamento de valores na sociedade contemporânea, a desvalorização do corpo e as fraudes que induzem em erro as vítimas de tráfico materializam-se em metáforas cénicas com a força do documentário, da palavra, das perguntas. Histórias e estatísticas do tráfico de seres humanos em diferentes países (Portugal incluído); notícias, reportagens ou relatórios de ONGs sobre exploração sexual, exploração laboral ou extracção de órgãos enformam o material dramaturgico para esta criação artística que tem como principal tema um dos crimes mais lucrativos do mundo – o tráfico de seres humanos.

CORPO-MERCADORIA

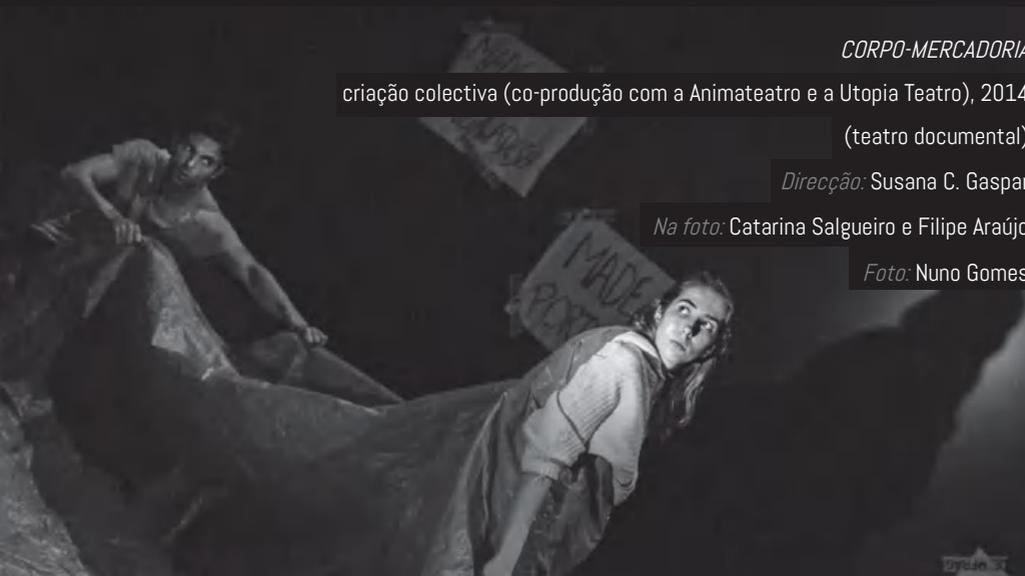
criação colectiva (co-produção com a Animateatro e a Utopia Teatro), 2014

(teatro documental)

Direcção: Susana C. Gaspar

Na foto: Catarina Salgueiro e Filipe Araújo

Foto: Nuno Gomes





ENERGIA SOLAR E ENERGIA FÓSSIL

criação colectiva, 2014

(teatro experiência)

Direcção: Ricardo Soares

Na foto: André Pardal e Rute Lizardo

Foto: José Cartaxo

Intervenção artística e científica no espaço público que transforma a cidade (Estremoz) num palco aberto à experimentação e criatividade, fundamentando, inspirando e melhor dando a conhecer os processos científicos, através do Universo do Imaginário.

DESPARAÍSO
criação colectiva, 2017
(teatro)

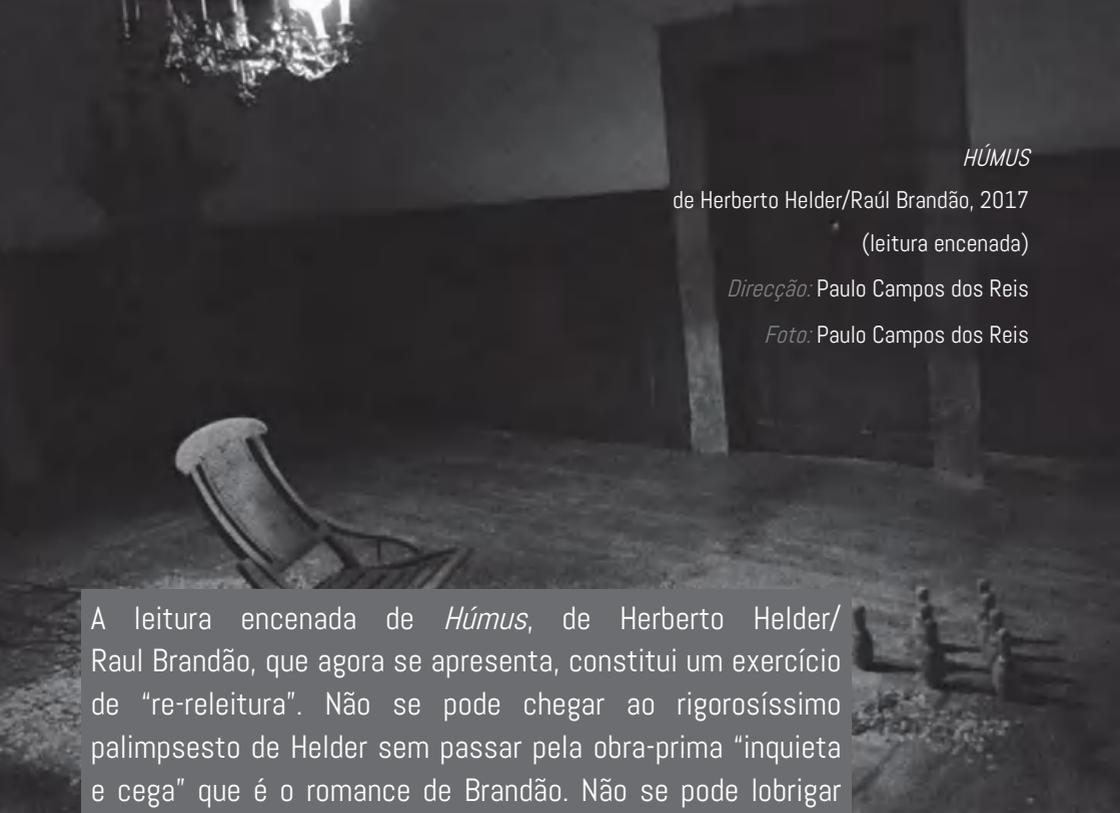
Direcção: Paulo Campos dos Reis

Na foto: Adriano Reis
e Ricardo Soares

Foto: Nuno Gomes



Através da história de D'Jon, imigrante africano lusófono que demanda – com escala pelos subúrbios urbanos portugueses – o El Dourado europeu, o espectáculo (uma “comédia séria”) reconta e comenta aventuras, desventuras e tiques de gerações de migrantes que procuram, fora do seu país, melhorar as suas condições de vida.



HÚMUS

de Herberto Helder/Raúl Brandão, 2017

(leitura encenada)

Direcção: Paulo Campos dos Reis

Foto: Paulo Campos dos Reis

A leitura encenada de *Húmus*, de Herberto Helder/Raul Brandão, que agora se apresenta, constitui um exercício de "re-releitura". Não se pode chegar ao rigorosíssimo palimpsesto de Helder sem passar pela obra-prima "inquieta e cega" que é o romance de Brandão. Não se pode lóbrigar a funda intenção que lançou Brandão num empreendimento literário tão obscuro e sair com a ridícula confiança de se ter alcançado uma luminosa "essência do texto". Não se pode chegar nunca. Se esta "re-releitura" pode ser um exercício sobre a inalcançável interpretação (palavra tão falível) da matéria textual em apreço, então saiba o espectador ao que vem: o leitor que se apresenta deixou de fixar uma dramaturgia para *Húmus* e tem vivido com o texto maritalmente, em comunhão de facto. Discutem amiúde, registando-se, por vezes, episódios de violência física, feiinha de se ver. Isto tudo somado dá que não se espere nada do que acontecerá senão que, de facto, acontecerá. Ou talvez se possa esperar, apenas, como numa rigorosamente vaga didascália de Beckett: (luz, casa, cadeira, escuro, pausa longa, palavras).



14-18

criação colectiva, 2017

(teatro)

Direcção: Mário Trigo

Imagem: Norma Carvalho

14-18 integrou a realização de conferências e workshops e culminou com a apresentação de um espectáculo de teatro com alunos finalistas do Curso Profissional de Artes do Espectáculo da Escola Secundária de Santa Maria, Sintra. O lastro de cem anos deixado pelo primeiro conflito mundial reacende, ainda hoje, memórias que devemos convocar, debater, expurgar, para que o terror não regresse. É nossa função, como cidadãos, seres humanos, artistas, reavivar essas memórias, dialogando com elas desde o nosso não tão distante século XXI, assolado por conflitos violentos de índole vária – no mundo, no nosso país, em Sintra, na nossa rua – que não podem nem devem ser considerados surpreendentes e sem antecedentes históricos. Com efeito, como dizem as gentes, onde há fumo, há fogo, e será na leitura atenta daqueles fumos que se lerá o futuro e se poderão afogar estes fogos.

Em *Oriana*, encontra-se a mesma vontade de reescrita cénica de um texto profundamente marcado pelos bordões morais cristãos, nomeadamente pelo sentimento de culpa (no caso, o dever, não cumprido, de tomar conta da floresta). Entre a mitologia celta (imaginário das fadas) e o ideário judaico-cristão, fontes seminais da nossa cultura (enformadores da obra de Sophia), o espectáculo propõe-se sincrético (também ecléctico), e menos ao jeito de uma parábola moral maniqueísta; sem deixar de ser uma fada responsável, *Oriana* não simboliza um bode expiatório. É a história de uma menina (podia ser uma adolescente típica) a quem o amor próprio (não individualismo, não autopatia) fez esquecer, por instantes (por ingenuidade), o compromisso com a realidade do mundo.

ORIANA

a partir de Sophia de Mello Breyner, 2017 (teatro)

Direcção: Paulo Campos dos Reis

Na foto: Carolina Salles

Foto: Nuno Gomes





ENTERRO DO BACALHAU, 2017

(espectáculo comunitário)

Foto: Nuno Gomes

A MUSGO associou-se ao Rancho Folclórico das Mercês e à Junta de Freguesia de Rio de Mouro para remontar este espectáculo/ ritual comunitário de tradição longínqua na freguesia. Ao queimar o bacalhau, os males da vila são simbolicamente esconjurados para que o novo ano renasça sem rabos de palha.

O ARMÁRIO E A CAMA

a partir de José Mena Abrantes, 2018

Co-produção com RUGAS

(teatro)

Direcção: Paulo Campos dos Reis

Na foto: Patrícia Cairrão, Ricardo G. Santos

e Sunny Dilage

Foto: D'jassy Quissanga



O texto de Mena Abrantes regressa à cena, desta vez numa co-produção luso-angolana, para espreitar, sem preconceitos, as atribuladas relações de um triângulo amoroso. O resultado é uma bem-disposta "comédia séria" e de enganos que promete incendiar o debate sobre a indivisibilidade do amor. Neste texto de Mena Abrantes, o espectador-voyeur é convidado a ser testemunha e cúmplice de delitos de amor, a identificar-se ou a rejeitar as transgressões éticas, conscientes (ou não), das personagens. No final do espectáculo, é como se o próprio Amor, personagem principal, nos dissesse, com um sorriso cínico: "salve-se quem puder!".

OFENSIVA AMADA, 2016-19

(transdisciplinar)

Na foto: Gil Matias

Foto: Nuno Gomes



Ofensiva Amada propõe encontros bimestrais (in) subordinados a um tema, pessoa ou efeméride. Gente de latitudes culturais e geográficas diversas que se cruza no espaço público, ampliando-o através do diálogo artístico transdisciplinar. No Olga Cadaval, Sintra. A programação de cada sessão é actualizada através da página de facebook da MUSGO Produção Cultural.



SALENCENA, 2018-20
(parceria internacional)
Cartaz: Pedro Marques

A MUSGO, a (também sintrense) RJ Anima – Associação de Dinamização Ambiental, Social e Cultural e o D'já D'Sal (grupo de teatro cabo-verdiano, da ilha do Sal) firmaram um protocolo de colaboração para o triénio 2018-20, de produção e programação do Festival Nacional de Teatro SalEncena, no Sal.

Este protocolo visa estreitar relações de trabalho contínuas entre estas três associações que perseguem objectivos de trabalho congéneres na área das artes performativas, designadamente no desenvolvimento produtivo das artes cénicas em contexto de intercâmbio artístico internacional.

O presente protocolo firma-se na convicção de que a lusofonia, além de cluster político e económico, tem de ser lugar privilegiado de reencontro cultural entre os povos dos dois países. O futuro promissor que decorre da intimidade histórica entre Portugal e Cabo Verde ancorar-se-á, justamente, nessa religação através da língua portuguesa (sem secundar a crioulofonia), património cultural comum.



OFENSIVA AMADA, Julho de 2018

Na foto: Carolina Figueiredo e Mafalda Mósca
no espectáculo *Subsolo*, do Teatro Efémere

Foto: Nuno Gomes



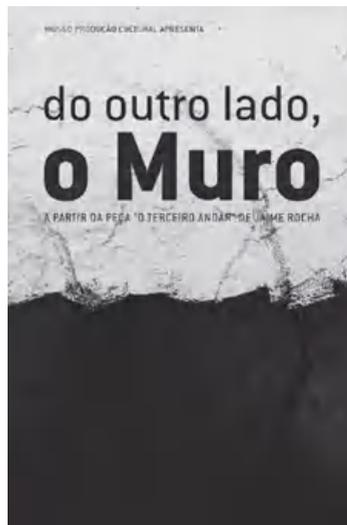
DO OUTRO LADO, O MURO

a partir de "O Terceiro Andar"*
e outros textos de Jaime Rocha

Estreia em Março de 2019,

Grande Auditório

Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra.



Ficha Artística e Técnica

Direcção Mário Trigo

Textos e dramaturgia Jaime Rocha

Interpretação Filipe Araújo e Rute Lizardo

(*MUSGO Produção Cultural*) e Ana Canudo, Andreia Ribeiro, Denise

Sousa, Dora Teixeira, Érika Laranjeira, Índia Fragoso, Inês Vitorino,

Lara Costa, Leonor Pardal, Madalena Carvalho, Maria Costa, Maria

João Allen, Maria Martins, Nanicas, Natasha dos Santos, Patrícia

Palma, Rúben Anastácio, Sara Janeiro, Simão Ficalheiro,

Tiago Santos (*alunos finalistas do Curso de Artes do Espetáculo da*

Escola Secundária de Santa Maria, Sintra)

Desenho de luz Mário Trigo

Apoio à criação do espaço cénico Manuel Pedro Ferreira Chaves e

Paula Hespanha

Apoio à criação dos figurinos e adereços Nuno Barracas

Assistência de direcção Filipe Araújo e Rute Lizardo

Direcção técnica Carlos Arroja

* A peça *O Terceiro Andar* foi galardoada com o Grande Prémio de Teatro da APE (Associação Portuguesa de Escritores) de 1998.

O Terceiro Andar fala de um mundo em ruína com os seus jogos de poder, os seus absurdos, os medos, as crueldades, dentro de um quotidiano que já não consegue esconder o mal de que se alimenta e que o faz mover até ao limite do desumano. Num edifício de vários andares assiste-se ao desmoronar de um sistema supostamente organizado. As diversas firmas vão indo à falência e lançando as pessoas no desemprego. As personagens que restam, alguns funcionários (empregadas de limpeza, segurança, rececionista...) e administradores, tentam sobreviver ao descalabro do edifício através de um comportamento que se situa entre o lógico, o absurdo e o fantasmagórico. Tudo centrado num misterioso terceiro andar onde o respectivo administrador, meio louco, procura o funcionário modelo das sociedades modernas. Na luta pela tomada do poder do prédio estão subjacentes os valores que marcam a sociedade em que vivemos: a especulação imobiliária, o lucro, a intriga, a hipocrisia e a morte. Paralelamente, no espaço de cena, grupos de jovens vão discutindo entre si os sonhos e as angústias que sentem nesse mundo complexo em que a realidade quase os esmaga. Tentam libertar-se, combatem em conjunto o medo que se instala, provocam-se, amam-se, procuram o seu próprio espaço num terreno pantanoso que se desfaz no final com a compreensão da teia que se vai formando ao longo do espectáculo.

ORTOV SAI DO ESCURO
de Jaime Rocha (teatro)
Estreia em Março de 2019,
Quinta da Ribafria,
Várzea de Sintra.



Quem é esta presença avassaladora que se questiona e nos questiona sobre o mundo? A humanidade tem futuro? Será engolida pelo mal? Que linguagem inventar para vencer o medo, a hipocrisia ou a corrupção? Que poderes regem o mundo e nos querem apagar o pensamento? Quem é Ortov, que atravessa todo o espectáculo e sai do escuro?

Ficha Artística e Técnica

Texto **Jaime Rocha**

Direcção **Paulo Campos dos Reis**

Dramaturgia **Jaime Rocha e MUSGO**

Interpretação **Filipe Araújo, Ricardo Soares, Rute Lizardo**

Cenografia **Manuel Pedro Ferreira Chaves e Paula Hespanha**

Figurinos **Nuno Barracas**

Desenho de luz **Carlos Arroja e Paulo Campos dos Reis**

Fotografia **Nuno Gomes**

Vídeo **Ricardo Reis**

Direcção técnica **Carlos Arroja**

Custureira **Carina Soares**

Produção executiva **Rute Xavier**

Coordenação de projecto **Paulo Campos dos Reis e Ricardo Soares**

Direcção de produção **Ricardo Soares**

Produção **MUSGO Produção Cultural**

QUARENTA MIL QUILOVÁTIOS

de Paulo Campos dos Reis

(teatro)

Estreia em Novembro de 2019,

AMAS – Auditório Municipal António Silva,

Cacém.



Livrementemente inspirado em factos reais, a peça reconta a história de um adolescente que se auto investe como herói justiceiro das ruas – o Corvo –, substituindo-se à actividade policial. O texto original de Paulo Campos dos Reis propõe uma reflexão sobre aspectos comportamentais da adolescência aliados às condições de vida nos subúrbios. Quarenta mil quilovátios é o valor correspondente à tensão dos cabos eléctricos que alimentam as carruagens ferroviárias. Co-produção entre duas companhias que habitam o mesmo território (Sintra), *Quarenta Mil Quilovátios* será também um reencontro entre os dois fundadores do teatromosca: Pedro Alves, actual director artístico do Mosca e encenador do espectáculo, e Paulo Campos dos Reis, director artístico da MUSGO e autor do peça.

Ficha Artística e Técnica

Texto **Paulo Campos dos Reis**

Encenação **Pedro Alves**

Interpretação **Rafael Barreto, Ricardo Soares**
e um jovem da Casa Seis

Cenografia **Pedro Silva**

Banda sonora original **Allen Halloween**

Fotografia **Catarina Lobo**

Ilustração do cartaz **Alez Gozblau**

Vídeo **Ricardo Reis**

Direcção técnica e desenho de luz **Carlos Arroja**

Consultoria artística **Maria Carneiro**

Produção executiva **Inês Oliveira**

Co-produção **teatromosca e MUSGO Produção Cultural**

Parceria **Casa Seis**

OFENSIVA AMADA, Junho de 2016

Na foto: Adriano Reis

Foto: Nuno Gomes



UNHA COM CARNE



que depois do teatro haveríamos de estar juntos, pensei.
o trabalho seria feito, trabalharíamos. mas e depois?
os braços as vozes os olhares, onde o corpo?
o teatro seria com amigos, discutido. textos levantados, lidos, treslidos
subvertidos, as tábuas o nosso chão que seria a casa.
a casa poderia ser ampla, quente. uma mesa dentro da casa.
Luz suave. actores.
lá fora tudo seria o mundo visto da janela da casa. a nossa.
MAS ONDE OS LIVROS QUE ARDERAM EM ALEXANDRIA?
NAS NOSSAS CABEÇAS VOAM CINZAS SEXTAS FEIRAS SEM PAIXÃO.
COMER É O QUE NÓS QUEREMOS FODA-SE...

Pedro Alves

Diretor artístico do teatromosca

Existe uma espécie de musgo, cujo nome eu não seria capaz de reproduzir, que possui um mecanismo bastante sofisticado de polinização com a ajuda dos insectos, processos em tudo semelhantes aos utilizados pelas plantas com flor. Esta é capaz de atrair moscas até aos seus órgãos produtores de esporos, ao emitir um odor forte a carniça e criando uma forte sugestão visual. As moscas que são atraídas por essa espécie de musgo transportam os esporos para as bostas produzidas por outros seres herbívoros. Na verdade, é esse o território preferido deste tipo de pequena planta.

Já não me recordo como surgiu o nome da companhia, mas creio que eu e o Paulo Campos dos Reis sempre matámos a curiosidade de todos os que nos perguntavam

sobre a origem do teatromosca contando que nos tínhamos inspirado numa quadra do António Aleixo que dizia que “uma mosca sem valor poisa, c’o a mesma alegria, na careca de um doutor como em qualquer porcaria.” Na verdade, lembro-me de muito do que sucedeu nesse verão, há quase vinte anos atrás. Lembro-me que andávamos para ali a namorar, agarradinhos um ao outro desde que tínhamos deixado de trabalhar na Companhia de Teatro de Sintra, a bailar para cá e para lá, a tentar perceber que passos daríamos a seguir, que textos iríamos levar a cena, quem dirigiria, quem seria dirigido, que nome daríamos ao espectáculo, como se deveria escrever o nome da companhia, onde é que almoçávamos no dia a seguir – uma bifana n’O Arco Íris, em Rio de Mouro? –, onde ensaiaríamos depois – no auditório da igreja! Lembro-me que foi o Reis que veio com esse nome: teatromosca – assim mesmo, tudo ligado, em caixa baixa e itálico. Pareceu-me muito bem. O Paulo tinha jeito para estas coisas.

Gostava, então, de imaginar que a nova companhia de que o Paulo Campos dos Reis é co-fundador tem alguma ligação com esta outra que ele fundou comigo numa imprecisa data de 1999. Esta Musgo vai-se espalhando sobre superfícies rochosas, frias, avança por zonas permanentemente encharcadas junto às margens de cursos de água ou em solos húmidos fortemente ensombrados, no interior das florestas, ou crescendo sobre troncos caídos, restos de madeira queimados, do mesmo modo que esta mosca tem voado por territórios tão difíceis de cartografar. Ambas têm vindo a avançar,

zigueagueando desordenadamente ou espalhando-se de forma rizomática por zonas que nem sempre conseguimos identificar, arriscando pousar sobre superfícies pouco iluminadas, pantanosas, ácidas. Mas, uma e outra, não foram feitas para ficar paradas numa bosta qualquer. Sabemos que o teatromosca já esvoaçava por aí, entre carecas e porcarias. E talvez tenha mesmo sido de uma dessas viagens que, junto a um monte de esterco, a Musgo nasceu.

Certo é que nos vamos deixar atrair pela Musgo, que sobre ela pousaremos, que contribuiremos para a sua polinização, porque a nossa merda ainda é a mesma.

Susana C. Gaspar

Corria o ano de 2012 e um bando de gente irrequieta e com vontade de trabalhar junta começou a reunir esforços para a criação de uma nova estrutura. Porquê? Era mesmo necessária? Sintra é conhecida pelo seu microclima e microcosmos, a pérola da Grande Lisboa, e tem servido de inspiração para muitos artistas que aqui nasceram, aqui se fixaram ou que aqui gostam de trabalhar. Não interessa que Sintra seja um lugar escondido no mapa, mas que se transforme numa referência no panorama cultural a nível nacional e internacional. Outras estruturas em Sintra têm trabalhado para esse efeito e a MUSGO, indubitavelmente, surge também para isso. O espaço é relativo. Claro que havia espaço para ‘mais uma’, através de uma procura por uma linguagem diferente, uma identidade, uma plataforma de partilha – essa generosidade de acolher quem também precisa de espaço e de crescer – e de ambição e de sonhos. O desejo de criação de “espaços” para novos criadores e criadoras, novas correntes em Sintra, tem sido almejado por várias entidades deste concelho que vão esbarrando na falta de visão estratégica para uma política cultural equilibrada.

Esse é o desafio de qualquer estrutura cultural atualmente, que vive no limbo, seja aqui ou em qualquer parte do país (recordemo-nos do recente concurso da Direção Geral das Artes e de toda a água que correu debaixo da ponte). Se consultarmos as estatísticas da Eurostat, Portugal encontra-se entre os cinco países da União Europeia que menos investem na cultura. Este retrato é exemplificativo do que é tentar “fazer” cultura neste país. Felizmente, apesar das probabilidades, a MUSGO conseguiu afirmar-se no panorama sintrense. Às vezes é como Penélope: tecer durante o dia e desfazer tudo secretamente à noite, para começar do início no dia seguinte. Desconstruir, desmistificar, reunificar. Esse encanto de Penélope foi sentido por parte do público do *Ulisses*, dos mais pequenos aos graúdos, todos sentiam que o espectáculo, de alguma forma, lhes pertencia. Tenho orgulho de ter estado lá quando a MUSGO nasceu, apesar de ter faltado ao parto (afinal nunca deixam muita gente se juntar nas salas de espera do hospital), assinei com todas as letras do meu nome. Depois de um percurso peculiar, das primeiras dores de crescimento, a MUSGO coproduziu *Corpo-Mercadoria*, juntamente com a já extinta Utopia Teatro e com a Animateatro, um espectáculo sobre tráfico de seres humanos, flagelo ainda bem presente no mundo, na Europa e, em particular, em Portugal. Que a MUSGO continue a ser espaço de partilha, de criação e inovação. Que construa a sua identidade em alicerces fortes. Que continue a “Ofender” com Amor. A dar espaço a quem precisa de espaço e a ter esse sentir inquieto de sempre. Parabéns pelos 6!

Bruno Parreira

Presidente da Junta de Freguesia de Rio de Mouro

Rio de Mouro é uma freguesia urbana do município de Sintra que ao longo dos anos foi mantendo uma relação estreita com os mais diversos níveis e tipos de oferta cultural.

Com o crescimento da urbanização e a progressiva descaracterização dos centros urbanos da nossa freguesia, Rio de Mouro como que se envergonhou e esqueceu o seu desenvolvimento cultural.

Não há desenvolvimento sem Cultura.

Não há qualificação urbana, higiene pública ou segurança se não existir sentimento de pertença. E não há sentimento de pertença e identidade se não existir uma clara estratégia cultural.

A Cultura é a semente do futuro mas também a cola do presente. As diferentes culturas. A multiculturalidade.

O Musgo. Ter o Musgo em Rio de Mouro é de repente voltar a acreditar que o Teatro pode ter expressão para uma larga comunidade de sintrenses. Trabalhar na construção do futuro auditório da Rinchoa é trabalhar numa Casa de Artes. Do Teatro e da Música. Destas e de outras artes. Nenhuma Política estará correta se decidir

esquecer o desenvolvimento cultural. Porque sem alma os corpos são só autómatos. Porque sem conteúdo não existe verdadeiramente Ser. O Forno da Cal será a antecâmara de todo o trabalho que faremos. O alfobre de ideias, projetos e conceitos que terão estampa por essas ruas, praças e becos de uma Freguesia que, já não envergonhada, exclama com clareza a vontade de, com este Musgo bem colado a si, poder desenvolver tudo aquilo que deseja no domínio cultural. Aquilo que sonhou e aquilo que merece. De Leal da Câmara a Adães Bermudes e de Ivone Silva a Francisco dos Santos. Temos orgulho do que fomos mas também do que poderemos vir a ser.

Com o Forno da Cal, com o Musgo e com o futuro auditório da Rinchoa, seremos aquilo que no fundo sempre fomos: História, Identidade e Tradição.

Animateatro e Musgo

Soares! (soando ao longe) aqui nesta margem, batizámo-lo de rijinho, pois era sempre de peito aberto que se apresentava, servindo como pau para toda a obra! Foi este o homem que serviu de acendalha ao lume necessário para o cozinhar de refeições que muito sabor e saberes nos trouxeram.

Em 2005, ano no qual a Animateatro transformou uma pequena loja na sua sede, casa e conseqüentemente espaço de partilha cultural, tomou de assalto a premissa de propor uma programação regular e acolher também criações oriundas de outras gentes e locais.

Foi desde então que nos cruzámos com o trabalho de elementos que conceberiam a MUSGO, foi ali, num cruzar de ideias, vontades, enamoramento que não mais nos separámos...

Porque a cultura, o teatro, trata da procura incessante... do dar, do receber, do momento, do belo, da mudança, da palavra, da comunicação, da emoção, de algo que acaba por nos transcender...motes que nos eram transversais, em 2012 surgiu um convite (tal qual lança que nos acutilava a...) de nos cruzarmos pela primeira vez, através do SONHO.

Tomámos de assalto o percurso do *Ou Quixote*, encabeçado pelo Paulo Campos dos Reis, que aqui para *nosotros* também se poderia apelidar de “um tal de QUIXOTE”, criatura de complexidade inspiradora.

Estávamos sedentos de nos encontrarmos individualmente e coletivamente, partindo de processo dramaturgico rico, galopámos entre campos de possibilidades, sempre em união. Arrisco-me a dizer que fomos livres, transbordavam as propostas, as ideias, os eus que se diluíam numa seara *muy bien recortada*.

Fomos felizes numa escola, numa casa que tão bem nos acolheu em regime de residência artística, O Bando, na Quinta da Regaleira, em Cabo Verde, fomos perante todas as adversidades, felizes.

Mais tarde surgiu outra parceria, juntando outras estruturas como a Utopia teatro, nascendo o *Corpo-Mercadoria*.

Nesta viagem onde se debateram assuntos intensos e que infelizmente ainda nos assolam nos dias de hoje, permanecemos mais uma vez, em moldes diferentes, juntos, desta feita numa criação coletiva, sob a orientação de Susana Gaspar.

De momento, *apartados o no*, nunca de nós conseguirão subtrair o que criativamente entregámos a um público (que de forma egoísta chamaremos de nosso).

O alimento que proveio e serviu estas duas casas foi abundante e assim esperemos que continue!

Lina Ramos

Animateatro

A Musgo e a RUGAS

Uma colaboração presente, e de passado recente, mas que sabe a passado distante, como que intemporal. Com um início, natural, mas em viagem, sentido como uma continuação.

Patricia Uma colaboração em movimento, de compromisso com princípios comuns, de relação transparente, flexível e reflexiva, corpo ético e criativo.

Cairrão Uma colaboração que se transcende. Um encontro. Entre mentes, espíritos inquietos, pensadores, críticos, auto-críticos, que almejam. Em conjunto.

Um grupo, de grupos, que quer, e concretiza, realiza. Que se questiona e se inscreve, constante, nesta global polis contemporânea. Sai (de si) e faz acontecer. Expande, espalha, e volta a si, tecendo fios, fio a fio, de uma extensa e forte malha que se quer a construir, não construída, porque o trabalho aí está, a fazer-se, a querer-se continuado. Parte e todo, de um caminho, que é processo, e por isso, tão importante.

Um prazer, ser parte deste bando de pássaros, livre, que se expande, se aglomera, para logo se voltar a expandir.

Uma colaboração que ultrapassa os grupos. Uma colaboração que parte de uma partilha de ideias, de uma sintonia, de uma liberdade em que podemos discutir e discordar e voltar ao início. Uma colaboração que cresce de uma amizade.

A capacidade de sonhar é comum e partilhada pelas viagens que fizemos, que fazemos e que pretendemos fazer.

Encontrar do outro lado pessoas que como nós têm a capacidade de sonhar, de acreditar no inacreditável, fez com que num ápice iniciássemos esta ligação artística e pessoal.

Olhar para o futuro e mantermos a vontade de continuar, apesar de as lutas serem ferozes, deixa-nos pelo menos com este conforto que estamos juntos neste caminho e não fechados numa bolha.

Ricardo
Santos



JORGE TELLES DE MENEZES

1951-2018

Foto: Sama Nancy





Saí do lar para escrever a minha constituição

Rui Lopo

1 Jorge Telles de Menezes em *Cintra-Babel* faz convergir, quanto à forma, três géneros bem distintos: o poema narrativo, a elegia e o manifesto. Quanto ao meio, isto é, à intenção do autor relativamente ao modo como o texto se irá encontrar com o seu receptor, podemos assumir que é texto em destinação à leitura pública, à experiência de palavra social-dita em ambiente perfeito ou utópico, isto é: teatral, ou, pelo menos, drama ou encenação, que nunca esgota o já teatralizado, dramatizado ou encenado. Mas o selenográfico teatro, drama ou cena não contém, significa ou encaminha para nenhuma óbvia *spectacularidade*. Aquilo de haver separativos espectadores e palco, leitores e autores está para sempre de todo arredado, que nós somo-nos aqui uns aos outros em cada verso e respiração cintrã. Tudo o que na *Floresta Encantada* se diz é isto: os Meninos da Avó como experiência de palavra experimental comunitarizada é um dos nomes do futuro

do mundo, futurentes leitores, comensais da política cósmica, sinónimo de poesia, de Cintra e de Jorge Telles de Menezes.

Digo que *Cintra-Babel* é um poema narrativo porque relata uma chegada. Como todas as narrativas possíveis. Neste aqui, foi a dos replicantes à Cintra esventrada e profanada. A das sombras. Mas Lemmy Caution está atento. É o nosso detective que detecta a babelização da Cintra obrigada a encobrir-se. E porque a detecta detesta-a. Nós também a detestaríamos se a detectássemos. Revela-se-nos então que há um *Satélite-Zero* que emite sinais que nos poluem em o que imaginamos e somos. Eis que assim se babeliza a nossa mente. Mas o herói virá e ele pode *neutralizar o portentoso computador/ que regulava a vida de Replicantes e Gnomos carnívoros /e libertar a escravizada humanidade de Cintra.*

Só o grande reunificador pode desligar todos os laços até aqui aprisionantes. Salvé ó detective-redentor, poeta selenográfico! O Jorge Espelho d'Água recorre aos tópicos distópicos próprios do imaginário associado àquilo que se pode designar como narração especulativa, literatura de antecipação, ou ficção científica: a legião programada, a radioactividade e os hologramas. Neste sentido é também um grande narrador realista, porque diz o real que não queremos ver, pescados que fomos já pela rede total, produtos e produtores que dela somos. Ela mesma, a ideologia dominante. Mas na mesma estrofe se evoca Crisfal, Bernardim e Sigeia na vernácula linguagem

luminosa e cândida, em brio herdada do nosso comum património lírico, ressoando o romancelheiro, de Garrett a Teófilo, João de Deus, Junqueiro ou Trindade Coelho.

(Recordo reunião preparatória de uma tertúlia dos Meninos da Avó em que receávamos a possibilidade de algum problema de que já nem lembro o teor. E o Till esgueirou-se para a sacola de mão que sempre transportava, abriu-a de um repente e ostentou bem alto, ufano e temerário, a sua arma carregada e pronta a disparar: eram *Os Meus Amores*, de Trindade Coelho. Sorri e sussurrou-me, afastando o evolvar do surpreendido cigarro que se ia apagando: “*Eles* que cá venham que estamos preparados. Não sabem em que estado saem daqui depois de levarem com isto”).

2 Uma elegia é um lamento e um elogio. Só gememos pela perda daquilo que era louvável. Ninguém lamenta o fim duma dor ou dum motivo de dor, a perda dum estado de abulia. Esta elegia lamenta a perda da Cintra utópica, do convívio entre gnomos e gigantes, cantoneiros e nefelibatas; convívio aldeão entre gerações e mesteres, na casa de pasto que trazia a mina d’água e levava aos mundos mágicos do interior da Serra. Era o lugar consagrado à poesia, portal entre mundos. Dizia-se poesia sim. Éramos cocheiros e intelectuais, cocheiros-intelectuais e intelectuais coxos que da Biblioteca assombrada saíamos

a tempo de um copo do da pipa. O Cintra Babel-elegia é lamento pela morte da Sintra idealizada do nosso passado pré-turístico, pré-industrial, pré-plástico, passado romântico de ilha incógnita, anti-ilha do mundo. Os seres mitológicos, os jardineiros e os poetas ainda viviam às claras na Vila. Simultaneamente também se dá o fim das ilusões, incluindo a ilusão da libertação. Por isso é bom que acabe isso que nos fascinava e prendia quando *o problema das pedras eram as pessoas*. Para que agora mais cômicos, despoluídos da Babel do desamor, nos libertemos à séria para a Cintra-Atlante a haver.

3 Após ter tentado mostrar o cariz selenográfico deste texto, sem precisar de aqui descriptar as suas infindas referências sintenses, lunares e eruditas, das cartas de um tarot de lâminas novas às mãos presas a um convés de um barco timonado por Coleridge, concluamos mostrando o terceiro modo ou momento deste híbrido: digo que Cintra-Babel é também um manifesto. Uma afirmação da Cintra utópica, mágica, poética, a do urgente amplexo natural-humano. Ou não fosse o revelador desta elegia o autor do *manifesto anarco-eco-punk* (publicado na *Suma Uma*) e um grande aforista, tributando constantemente a Epicuro e aos epigramistas que nos mostraram que *tudo aquém flui e haverá de cultivar-se o Instante*. Porque houve um moinho em

Sintra. E uma jardineira que plantou futuros a haver. Um manifesto faz-se de também de escrita bruta incontemplativa. O Jorge alquimiza com mestria as palavras tecnocráticas do quotidiano-babel com os sons mágicos da nossa herança cantante e visionária. Um manifesto descreve uma situação de confronto, batalha final, chamada ao combate, ainda que de palavras e sonhos. Anuncia-se a *ofensiva maior*, a destruição do que resta e apela-se à resistência e à libertação última. Não esqueçamos. Apresenta-se aqui o nosso herói: Lemmy Caution, Cuidado! Jorge Menezes *pretendia até/ libertar todos da própria libertação*.

Rui Lopo

Cintra.

Solstício de Inverno do Ano em que o Jorge publicou as Elegias de Cintra.

Nota

Este texto é para ser lido ao som dos portugueses Procol Harum, especialmente do “Salty Dog” e do “A Whiter Shade of Pale”. Se, ainda mais portuguesmente, for aos legentes o fado mais instigante ao que há a fazer, então se prescreva os “Refugees” dos Van der Graaf Generator.

CINTRA BABEL

DEATH IS A STAR

Jorge Telles de Menezes

SELENE PRODUÇÕES ~ OUTUBRO 2016



UMA ELEGIA

CINTRA-BABEL

(A MORTE É UMA
ESTRELA)

UMA ELEGIA

CINTRA-BABEL

(A MORTE É UMA ESTRELA)

M A N I F E S T O

Titulo original: Cintra Babel

Autor: Jorge Telles de Menezes

Texto e selecção: Jorge Telles de Menezes

Revisão e concepção gráfica: Marcos Félix Gomes

Capa: Marcos Félix Gomes

Página 10: Paradoxa Emblemata circa 1717
Dionysius Andreas Freher (1649 –
1728) Adam McLean 1983, a partir do
Manuscrito 5789 da Biblioteca Britânica.

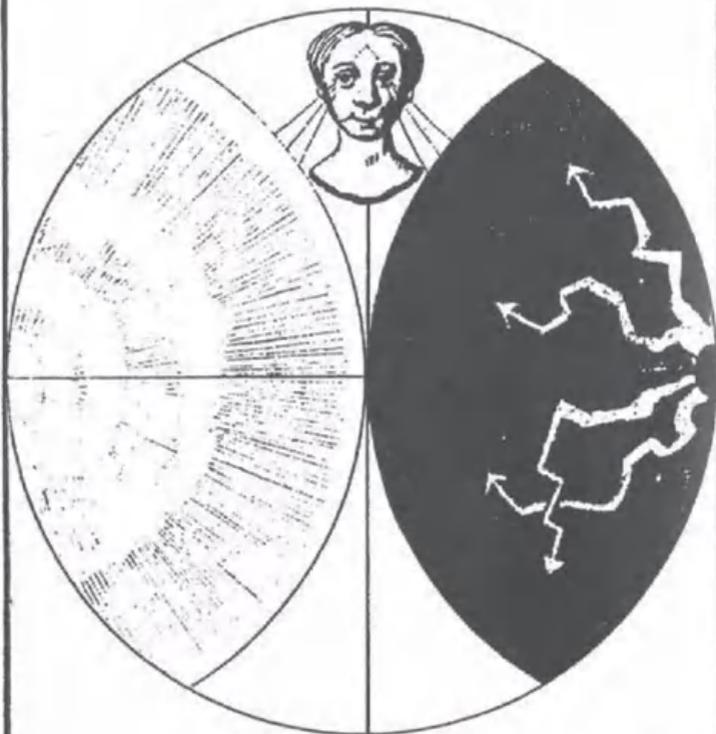
Paginação: Marcos Félix Gomes

Gravuras a linóleo e arte-final: Marcos Félix Gomes

Impressão: gráfica x

Tiragem: 100 exemplares

*This One is capable both of ^{12.1}
this and of that.*



*Choose, and what thou chooseth
shall be thine*

UMA ELEGIA

CINTRA-BABEL

(A MORTE É UMA ESTRELA)

Dizem:
"Vamos, construamos uma cidade e uma torre.
A cabeça dela: lá nos céus.
Adquiramos nomeada,
para não sermos dispersos por toda a superfície da terra."

Gênesis 11

I

Num triste Verão, com dias de nuvens baixas,
que faziam do Sol lenda de contos tradicionais,
deu-se o ataque final, a ofensiva maior,
antigo temor dos residentes no espírito do lugar.
Por terra, por ar, as legiões robóticas chegaram
em máquinas estrepitosas e fumarentas,
apitando desalmadas,
enquanto os soldados do vazio
avançavam Serra acima,
por seus mapas orientados,
e pela sinalética viária para o último assalto,
acometida derradeira ao coração encoberto
da Rainha e sua corte na Estrela da Eterna Iluminação.

II

O Louco avisara sobre as legiões programadas,
helicópteros, aviões, cifrões, paraísos de cartaz;
as mentes do vazio automatizadas pela informação
não escapavam já a esse aspirador de interioridades,

gerado pelo motor da usura e do desperdício,
fazendo de humanos seres,
actores sem vontade própria,
representação de eus sem ligação ao Real,
ao imediato vertical da própria Vida.
Sem tradição nem futuro,
massas entre chapas,
vieram,
e venenos fumegantes conquistaram o coração exterior de Cintra.

III

Oculto em sua virgindade inicial,
a Rainha e sua corte
de enamorados do Eterno
exilou-se no real interior
da Floresta Encantada
tão profanada
por obscuros aventureiros da superfície,
esventrados do Ser,
em seus disfarces da ignorância inadmissível.
Mas não queria este poema ser uma elegia,
apesar do título...
Ele guarda para o Poeta o mapa de seu corpo
e aparece-lhe sob várias feições,
deixando-o tactear a Via que o conduzirá
ao lago sereno
da sua sede de absoluto,
de azul saciado,
de um desejo de reintegração no corpo universal.

I



M
1916

“Oculta em sua virgindade inicial,
a Rainha e sua corte de enamorados
do Eterno exilou-se no real interior
da Floresta Encantada...”

IV

O mapa liberta perfumes inolvidáveis,
que a memória das fragrâncias subtis
é eternizável no Ser,
enquanto unido na árvore maternal,
o Poeta contempla a rara flor,
transcreve o canto dessa mandrágora
de raízes no centro do fogo subterrâneo.
Ele traslada a harmonia do mineral,
do orgânico e do anímico
na passagem para o cimo da pirâmide,
num passo só de sua longa marcha
para o ponto auroral,
num segundo único,
dá ele a saborear à neófito
a água que da fonte da deusa jorra
na clareira da Montanha da Lua.

II



M
-71

“...O Poeta contempla a rara flor,
transcreve o canto dessa mandrágora
de raízes no centro do fogosubterrâneo.”

V

Se a Tradição é revolucionária, sempre,
preiteemos justamente aqui o Filósofo do Jardim,
pois a lição de Cintra é a de um saber peripatético.

Aprendamos, ouvindo o mestre,
enquanto caminhamos
no fantástico jardim
que saberes antigos aqui foram lavrando.

Por isso as máquinas desejanter,
os Replicantes
industrialmente programados
que invadiram Cintra
neste triste Verão,
jamais apreenderão
a ciência jardineira dos fundadores do lugar,
aqui não erguerão suas cidades.

Nunca.

Nem ditarão suas leis aos trilhos da floresta.
Tudo aquém flui, haverá de cultivar-se o instante,
o efêmero que vive e passa, vindo de um sem início,
dirigindo-se para um sem-fim,
enquanto ocultos na clareira invisível,
a Rainha, o Louco e o Poeta
aguardam entre o piar do mocho e a estrela matutina
o filigrânico diálogo entre Ser e Tempo,
na clareira de folhagem azul,
lunar,
grávida de um saber
que só os nus e os despojados de ambição entendem.

VI

O Jardim é oculto,
não tem benefício em revelar-se,
ninguém,
nenhum Replicante,
sabe onde ele se situa,
mas seus habitantes espirituais,
que vivem entre si
em silêncio insondável,
falam de quase tudo
com as máquinas desejanter,

sem nunca revelarem o paradeiro da Rainha-Jardineira.

VII

Subitamente, agradeço a todos os meus iguais
o amor que me dão, e faz de mim um peixe
neste fabuloso aquário, parte de um intermundo,
em dizer epicureano.

Ele chega para me sentir vivo
e grato por ter percorrido
este já longo caminho sentido.

O vosso amor é bastante para eu partir
na Demanda do Oculto Superior,
esse desconhecido abissal
que desde sempre me fascina.

Esse abismo, porém, está d'invés,
ele não aponta para baixo, mas para cima,
eis o que tenho a declarar para o Instante,
essa centelha inextinguível,
a que chamo Princípio de Vida,
instante em suspensão na Eternidade,
no Vácuo em que re-presentamos nossos passos
a dispersão universal desde o Grande Som inaugural.

III



“ O Jardim é oculto,
não tem benefício em revelar-se,
ninguém, nenhum Replicante, sabe onde ele se situa...”

VIII

Assim passamos uns pelos outros,
acenando do deque
de nossos barcos,
em silêncio,
falando como se mastiga,
esquecendo a ascensão,
enquanto seguimos na viagem maior,
sem darmos por isso.

Reunidos na Clareira encantada,
os Invisíveis delineiam o plano da Rainha,
a Libertação,
para o ocultamento da semente divina
e sua posterior devolução à natureza mãe.
Nesse dia dir-se-ão as palavras da Mestra-Jardineira:
“Deixa advir o que tu és! Sê apenas tu próprio!”
Este é o rasto de um instante na vida
suspensa de todo o universo,
do sem-espaco, do vácuo em que acenamos
de passagem num Barco, ao longe,
uns para os outros.

IX

Não carecemos mudar, prossigamos Viagem,
sejamos na Passagem, seres trespassantes,
guardemos então o tesouro oculto
da Libertação da própria Libertação,
na clareira dos Reis Invisíveis.

X

Não tenho um jardim, diz o homem da câmara de filmar,
o de Cintra-Babel, mas sou meu próprio Jardim,
passo com um manto que os Replicantes não vêem,
sou os Castelos lá em cima erguidos por um Rei que era Artista,
não tenho as muralhas, nem os palácios,
eu nada tenho, eu sou forma,
num momento suspenso no vácuo.
Aqui dialogo com os antigos gigantes
que não cabem no jardim, mas o protegem e animam,
sou o rei trágico fechado num salão do palácio,

conversando com meu silêncio, no interior,
olhando com desprezo quasi-divino a espécie que ignora
a liberdade sagrada da Terceira Idade
neste mesmo palácio, liberdade
despojada de só corpo ou só espírito,
liberdade cantada que foi, um dia, por um Rei Trovador
e uma Rainha divinamente unida em corpo e espírito.

XI

Cintra é o Nada a que se ascende pela via do silêncio,
dos bosques que falam tão-só do Ser
repousado na Natureza, da Clareira,
em que o homem se diviniza ao matar em si o dragão,
o emaranhado obscuro do instinto,
porque seremos sempre, ao fim,
apenas pó de oiro espalhado no caminho,
tudo o mais é ritual
para recordar no filme ininterrupto da mente,
um ego inútil para atingir o fim
da liberdade absoluta de apenas se ser, em Cintra.
Tu és o Nu, o despojado, por isso a paisagem, os palácios,
os jardins, tudo é um momento em ti que já foi,
é, e sempre será uma forma no Vazio,
enquanto nessa nudez te despojaste e nada devieste,
és, foste, sempre serás unicamente, pó de oiro do caminho.

IV



“Cintra é o nada a que se ascende pela via do silêncio,
dos bosques que falam tão - só do Ser repousado na Natureza,
da Clareira, em que o homem se diviniza ao matar em si o dragão...”

XII

São apenas sombras o que vês, ó programado viajante!
Esses recantos amenos para a alma,
que talvez tenhas conhecido num poema,
só existem na memória digital da tua câmara.
Ainda que dêes o óbolo ao barqueiro,
e desças como um poeta antigo
em visita ao que já foi,
verás vultos emudecidos encostados a árvores,
junto de fontes,
em prados enevoados tocando harpas,
dedilhando guitarras, mas nada ouvirás,
são camadas de Ser apenas acessíveis aos iniciados Jardineiros,
tu nada mais verás do teu veículo turístico,
e estes ares nem sequer te são aconselháveis,
regressa rápido à bolha radioactiva em que sob vives.
Tu próprio és um holograma, imagem virtual em movimento
num Real Superior que mal suspeitas existir;
vê em tua descida as belíssimas donzelas que em seu canto
entoam versos de amor, de Crisfal, de Bernardim,
vê essa escultural Sigéia - filha raptada de um Sabino,
para saciar o fogo tão ardente dos filhos da loba -,
enquanto compõe em sua lira doces melodias que ao serão
encantaram uma infanta sonhadora;
mulheres novas, mas de sempre,
nesta montanha de tesouros ocultos aos teus GPS.

XIII

Vê, enquanto atravessas a montanha submersa,
os filhos da terra atónitos com a invasão replicante,
mudos como árvores de uma floresta carbonizada,
sem memória já da «chuva de pedras»
que há muitos milhões de anos cristalizou esta serra,
vê-os distraídos com a multidão,
como se folheassem uma revista ilustrada.
O problema das pedras são as pessoas,
os olhares é que embaraçam,
as pedras talhadas e pintadas, sobrepostas,
dão ao visitante o simulacro de uma espacialidade simbólica
que devia estar viva no seu interior, mas não está,
que devia abrir caminhos para o reunificante,

porque essa foi a intenção de seus arquitectos,
para o sagrado; mas frios escravos das máquinas
não têm memória e vivem como se eles próprios fossem
uma imagem criada por um deus cinéfilo.

XIV

Em torno da montanha cirandava, como sempre,
a multidão de Gnomos

que se alimentava da ilusão conhecida
de que no interior do maciço
se ocultava um tesouro real,
de moedas de ouro verdadeiro,
que tornaria um dia ricos e felizes
todos os moradores do vale.

Geração após geração a lenda passava,
e era o contrapeso de histórias perdidas
num pastoso quotidiano
em que as únicas epifanias
se resumiam aos almoços e jantares
que mantinham a vida em pé,
consagrados esses momentos
«como a única coisa que se leva daqui»,
excepto o tal sonho do ouro,
que esse carregava-se do berço até ao túmulo.
Era prática comunitária enterrar os cadáveres
virados para ocidente,
com o dedo indicador hirto
apontado para a montanha da lua,
como que a lembrar a localização do ouro
para quem ainda ficava cá na terra.

Como seria de esperar,
a invasão dos Replicantes em nada afectou
o quotidiano larvar da estirpe dos Gnomos
que esperavam um dia, magicamente,
serem ricos com o ilusório tesouro
da montanha,
geração após geração.

Mas o maciço era oco,
no seu interior existia tão-só
lava sólida de explosão vulcânica,
ocorrida há milhões de anos.

Diríamos que o sonho do ouro era uma sobremesa real
para os carnívoros pequenos seres.

V



M
1/2

“Era prática comunitária enterrar os cadáveres virados para ocidente, com o dedo indicador hirto apontando para a montanha da lua, como que a lembrar a localização do ouro para quem ainda ficava cá na terra.”

Todo este decrepito universo de Replicantes
desprovidos de humanidade,
avançando como magotes de formigas
para um torrão de açúcar,
num planeta quase insustentável para a vida,
e de Gnomos carnívoros
sonhadores de um tesouro oculto
na montanha oca,
haveria de se transformar
com a chegada de Lemmy Caution,
à pequena, mas cobiçada, vila montanhosa,
o celebrado detective que por sua conta,
pretendia neutralizar o portentoso computador
que regulava a vida de Replicantes e Gnomos carnívoros,
e libertar a escravizada humanidade de Cintra.
Ele pretendia até
libertar todos da própria libertação.
Não havia maneira de tão angelical
intenção ser cumprida,
senão com o disfarce banal de um detective privado.
E Lemmy era um ser cauteloso,
conhecia bem todas as manhas da humanidade.
Trazia na mala o seu livro favorito *Death is a Star*,
e reunira-se primeiro com a Corte oculta
para ouvir seus relatos puramente espirituais
sobre a alarve vida de Gnomos e Replicantes.

VI



“...Não havia maneira de uma tão angelical intenção ser cumprida, senão com o disfarce banal de um detective privado.

E Lemmy era um ser cauteloso, conhecia bem todas as manhas da humanidade. Trazia na mala o seu livro favorito...”

XVI

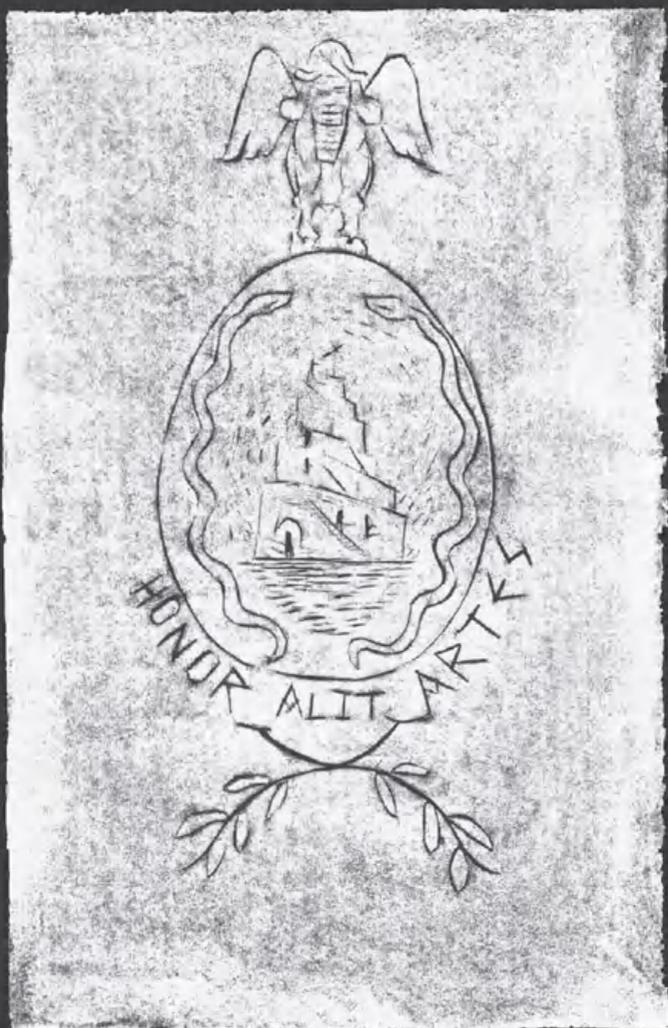
Homem de hábitos regulares e frugais,
Caution começou a praticar o seu plano.
O primeiro passo foi a ligação ao Satélite Zero
que captava os milhões de imagens
que os Replicantes produziam diariamente
na sua inconsciente dissecação da alma do lugar.
Os Gnomos há muito abandonaram a captação de imagens,
porque em suas casas havia gravuras emolduradas da montanha,
de épocas em que se viajava de cavalo ou a pé.
Olhavam as imagens, e dalgum recanto do ser acorria
ao estado vígil uma nostalgia de fontes
de onde deslizavam águas mineralizadas
pela Floresta Encantada,
de recantos onde secavam
lágrimas de afectos com lenços de sonhos.

XVII

A massa indiferenciada conquistou Cintra..
O Satélite Zero
confirmava que a vila estava povoada
por almas queixosas, antigas,
que clamavam terem ido à que chamavam
Jerusalém do seu tempo
e não haverem encontrado a unidade
e a felicidade interior que almejavam.
Ignoravam, em absoluto,
que não havia um deus único,
mas copiosas manifestações do divino,
e que esse deus único em que acreditavam
continha em si menos bem do que mal.
Não batiam à porta dos Gígantes
porque nem sequer a viam.
Viviam ainda num vazio sem forma,
e, apesar da alma pulsar em seus corpos,
nenhum deles lograra personalizar-se neste mundo.
Eram a massa inconsciente,
anterior à própria Vida em si.

Se, ao menos, para Replicantes e Gnomos
a existência fosse uma única e contínua elegia
que os reconciliasse numa mágoa profunda com a Vida,
esse permanente desafio
e questionamento do ser-se vivente...
em vales perfumados
pelos jardins de suas casas,
em altas montanhas,
aspirando à transparente visão de sua estrela interior –
saindo da massa informe...
anelando só a um novo ciclo de vida em si,
a um rendez-vous na Estrela da Eterna Iluminação...
Where Death is a Star...





MMXVI



PRODUÇÃO
CULTURAL



Mail

producao@musgo.org.pt

Facebook

www.facebook.com/musgo.pt

Escritório

Rua Álvaro dos Reis, 6-10, São Pedro, 2710-526 Sintra
(Antigo Quartel dos Bombeiros Voluntários de São Pedro de Sintra)

Armazém

Avenida Pedro Nunes, Rio de Mouro
(Antigo Armazém do Forno da Cal)

Futuro espaço

O presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Basílio Horta, designou a MUSGO Produção Cultural como entidade gestora do futuro Auditório Municipal da Rinchoa

ISBN 978-989-20-9115-0



9 789892 091150